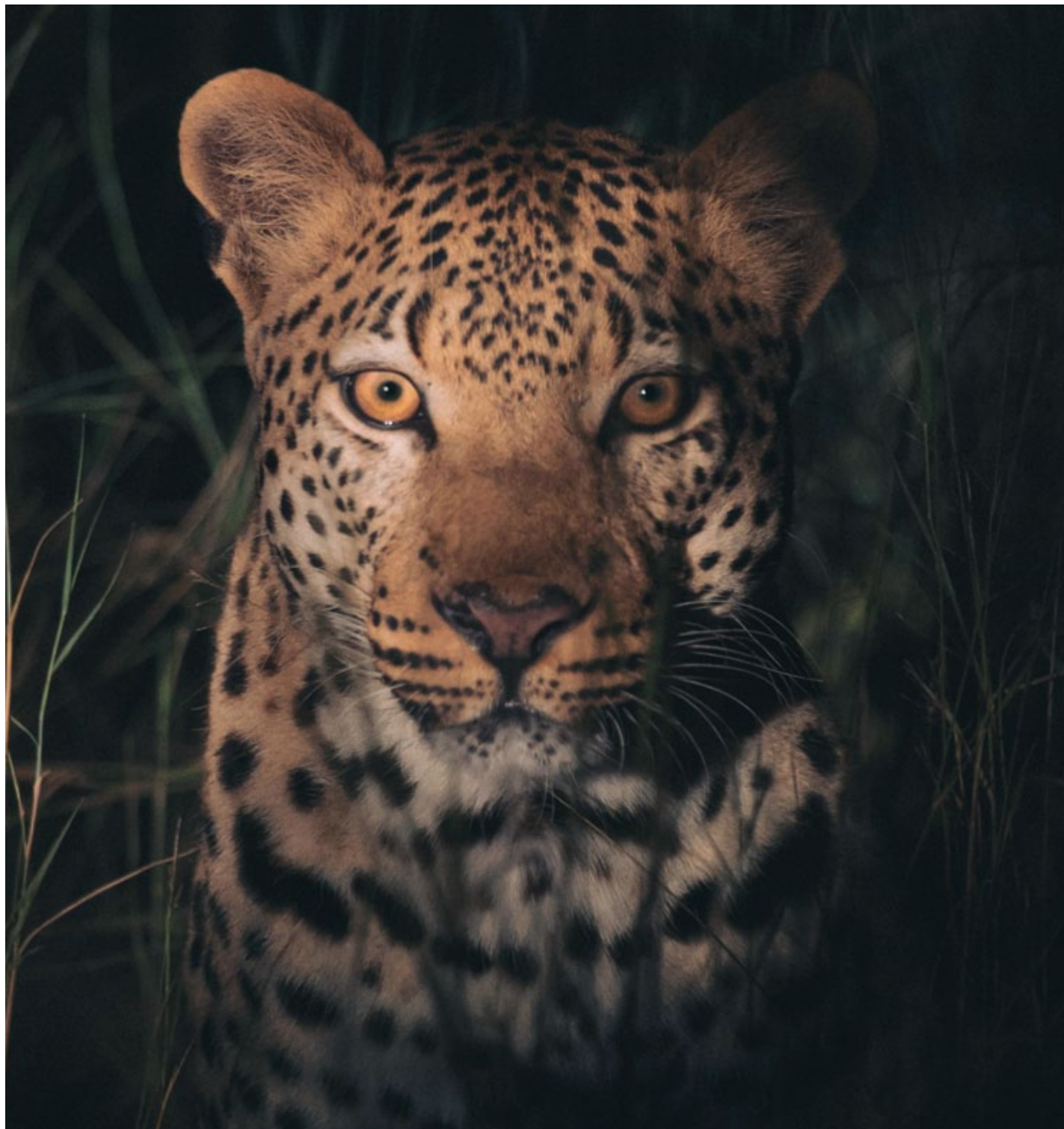


UNQUIET



ZIMBÁBUE • IRLANDA • COLÔMBIA • CHILE

HÁ 35 ANOS, **4X4** É MITSUBISHI.

Há 35 anos, a Mitsubishi desembarcava por aqui com uma missão: provar que depois que termina o asfalto ainda tem muito caminho pela frente.

De lá para cá, Pajero, Triton, Outlander e Eclipse não foram apenas carros. Foram o primeiro contato de muitos brasileiros com o 4x4.

Da lama pesada das fazendas e competições de rally às viagens de fim de semana com a família, a Mitsubishi ajudou a escrever a história do off-road nacional.

Uma história que dá muito orgulho quando paramos para olhar pelo retrovisor e vemos que não deixamos apenas rastros, mas um legado.



DESACELERE. SEU BEM MAIOR É A VIDA.

AFRICA CREATIVE/™



Grandes
amigas e um
cashback
enorme.

C6BANK

uma sociedade com
JPMorganChase



Baixe o app
e abra sua conta



Sumário

016	360 – Refúgios que propõem pausa, requinte e vivências autênticas
048	48 Horas – Tendências, qualidade de vida e versatilidade para viver Sydney
052	Sustentabilidade – Instituto A.MAR: valor à pesca artesanal e à comunidade pescadora
054	Festivais – Paro Tsetchu, a essência espiritual do Butão através de ritos e festejos
056	Biblioteca – O legado, a arte e a vida de Peter Beard revisitados
060	Check-In – Para montar uma mala com funcionalidade, tecnologia e espaço
064	Brasil – Um cruzeiro fluvial pelo Pantanal até a intocada Serra do Amolar
076	Arte – Um giro pela renovação cultural que impulsionou a cena artística de Dublin
086	Cultura – De barco pelo Magdalena, o rio que revela a Colômbia sob um novo olhar
096	Esporte – A natureza palpável e indomável em uma cavalgada pela Patagônia argentina
102	Bem-Estar – Refúgios de silêncio para reencontrar a paz interior
112	Proudly – A liberdade tem nova cara e novas cores em Budapeste
116	Ensaio – A fauna pelas lentes de Sâmia Munaretti
122	Gastronomia – O silêncio e o tempo do vinho ditam o ritmo na vinícola Clos Apalta
130	Aventura – Um encontro profundo com a natureza ancestral no Zimbábue
144	Crônica – Escolher viajar e viver o mundo fora dos padrões é uma revolução
146	Inspiradores – Nirmal Purja, o extraordinário homem das montanhas



Se você espera mais vantagens para viajar o mundo, escolha o BTG Pactual

Aqui tem cartões para viajantes e cidadãos do mundo fazerem compras e investimentos



Abra sua conta



Sujeito à análise de crédito e elegibilidade. A Campanha IOF Zero é válida exclusivamente para compras internacionais no crédito e débito, por tempo indeterminado, e poderá cessar a qualquer momento sem aviso prévio. Não serão consideradas transações no cartão de débito internacional. Consulte o Regulamento. O Programa de Fidelidade BTG Pactual está sujeito às regras da campanha promocional vigente. Confira os termos e condições.

“Sua maior montanha nunca está na sua frente.
Está na sua mente.”

Nirmal Purja



C6BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

Diretor Editorial
Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor Executivo
André Cheron

Diretora de Conteúdo
Nathalia Hein

Consultor
Erik Sadao

Diretor Comercial
Ricardo Battistini

Diretor de Arte
Ken Tanaka

Editor de Arte
Raphael Alves

Coordenadora Digital
Patrícia Poli

Produtora de Conteúdo Digital
Karina Perussi

Projeto Gráfico
Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios
Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número
Texto: Bruno Massi, Carlos Marcondes, Erik Sadao, Fernanda Hansel, Fernanda Meneguetti, Flavia Vitorino, Lorenzo Martone, Luiza Fecarotta, Mari Campos, Marina Bandeira Klink, Marcio Scavone, Nanda Haensel, Nathalia Hein e Verena Matzen
Fotos: Alamy, Carlos Marcondes, Getty Images, Istock Images, Marina Bandeira Klink, Sâmia Munaretti e Victor Collor
Ilustração: Antonio Tavares e Celso Orsini
Revisão: Paulo Kaiser

Custom Editora Ltda.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Nos tempos em que vivemos, tão conectados ao mundo virtual, não existe melhor presente do que viajar para destinos onde o silêncio impera, onde nos abrimos de corpo e mente para o desconhecido, onde ouvimos histórias e temos novos aprendizados a cada dia.

No Zimbábue, a capa desta edição, encontrei esse silêncio em todos os momentos. Cercados pela natureza intocada desse país mágico, em um final de tarde à beira do Rio Zambezi, quando hipopótamos nos olhavam, assistimos ao Sol se pondo sob as cores únicas da África.

Cavalgamos pela Patagônia argentina entre montanhas e cânions cobertos de neve, sentindo o vento gelado e a imponência da natureza de um dos pontos mais remotos do planeta.

Navegamos rio acima pela região da Serra do Amolar, no norte do Pantanal, avistando centenas de pássaros e animais da rica biodiversidade brasileira.

Estivemos no Chile para dias de degustação de vinhos premiados e provamos a gastronomia *farm to table*, em momentos de imersão e silêncio preenchidos apenas pelo vento entre as videiras.

Em Dublin, rodamos a cidade atrás de museus e galerias, com a arte e história da Irlanda e de outros povos.

Fomos à Colômbia conhecer sua rica diversidade cultural, de raízes indígenas, espanholas e africanas, em um cruzeiro fluvial inédito.

Estivemos em retiros de silêncio na Califórnia, em dias de pura conexão, vivenciando experiências de bem-estar para o corpo e a mente.

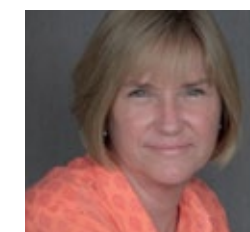
Resgatamos a memória do fotógrafo e escritor Peter Beard, conhecido por seus impressionantes registros da vida selvagem africana e de suas vivências por lá.

Que a urgência do dia a dia nunca nos impeça de ouvir o chamado da natureza. Reconecte-se com a terra e se permita mais vezes simplesmente respirar.

Que a edição inspire você a viajar por esse mundo fascinante e repleto de histórias reais...

Boa viagem!

Stay alive.
Be Unquiet



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br



c6yellow

Seus filhos
aprendem finanças.
Você acompanha
de perto.

C6 BANK

uma sociedade com
JPMorganChase

Baixe o app
e abra sua conta



Colaboradores



Fotógrafo e diretor criativo, **Victor Collor** é um viajante contumaz e observador inquieto da natureza. Ele tem um portfólio que abrange projetos de moda, *lifestyle*, hospitalidade e produções autorais. Victor desenvolveu uma abordagem estética com sensibilidade artística, resultando em imagens que traduzem identidade e propósito. Nesta edição, suas lentes se voltam para a impressionante savana do Zimbábue.



Marcio Scavone escreve quando fica impossível fotografar, e vice-versa. Seus retratos icônicos de Pelé, Roberto Burle Marx, Fernanda Montenegro e Oscar Niemeyer são referências na fotografia brasileira. Suas fotografias de publicidade foram premiadas com o Leão de Ouro, em Cannes, e o Grand Clio, em Nova York. Membro da Academia Paulista de Letras desde 2017, às vezes acha que todos os seus heróis estão mortos. Marcio assina a Biblioteca desta edição.



A artista plástica **Verena Matzen** é reconhecida por sua produção, que explora a relação entre natureza, memória e paisagem. Seu trabalho reúne pinturas marcadas por cores e texturas, em composições que traduzem sensações e experiências e unem sensibilidade e elegância. Com uma trajetória consolidada no cenário artístico, ela desenvolve tanto coleções autorais quanto obras personalizadas. Apaixonada por cavalgadas, é autora da matéria de Esporte.



Lorenzo Martone passou pela moda e pela paixão por bicicletas antes de chegar ao *wellness*. Viveu 22 anos entre Paris, Nova York e Los Angeles, trabalhando como relações-públicas de luxo. Hoje, tem São Paulo como base. Lidera o LM Wellness Collective e faz pós-graduação em psicoterapia assistida. Na seção Bem-Estar, ele escreve sobre retiros de silêncio com base em sua experiência no The Ranch Malibu e de anos percorrendo destinos de cura pelo mundo.



Buca Massi escreve sobre viagens para falar de pessoas. Influenciado pela linguagem cinematográfica, acredita que cada travessia é uma oportunidade de compreender não apenas um novo lugar, mas também quem nos tornamos diante dele. Seus textos unem narrativa, reflexão e sensibilidade para investigar o que acontece quando o mundo deixa de ser apenas observado e passa a nos transformar. Nesta edição, narra sua jornada pelo Zimbábue para a seção Aventura.



Fotógrafa de natureza e autora de três livros de fotografia e de dois livros infantojuvenis, **Marina Bandeira Klink** é reconhecida no universo da fotografia pelos registros que faz nas regiões mais remotas do planeta. Ela já visitou mais de 50 países, sendo os seus destinos mais frequentes as regiões polares, a ponto de estar bastante familiarizada com as rigorosas adversidades dos extremos. Nesta edição, ela traz um relato e as fotografias de uma expedição pela Serra do Amolar, em um cruzeiro fluvial no Pantanal.



Fabiano Al Makul é fotógrafo e idealizador da Casa Rosa Amarela, um espaço multicultural dedicado à produção, pesquisa e representação de artistas contemporâneos. Sua obra integra coleções públicas e privadas e é marcada por uma investigação sensível da memória e beleza presentes na poesia do cotidiano, explorando as relações entre cor, sombra e luz. Ele assina as fotos e a matéria da seção Gastronomia, em que conta experiência em uma propriedade vinícola no Chile.



A questão temporal e a simbologia barroca, com referências a igrejas, gradis, paredes desgastadas e às cidades mineiras, marcam a obra de **Celso Orsini**. Graduado em desenho industrial pela Faap, ele é professor vinculado aos institutos Singularidades e Alana e à Associação Casa dos Curumins, onde atua como arte-educador. Além de protagonizar exposições e manter obras em acervos permanentes dos principais museus brasileiros, o artista é objeto da biografia *Tensão sob Calma*, de Maria Alice Milliet. É dele a ilustração que acompanha a Crônica.



FOTOS WIKIMEDIA COMMONS, ISTOCK E DIVULGAÇÃO



Acima, em sentido horário, a paisagem da região de São Joaquim sob a geada, o Mitsubishi Outlander e as vinhas verdejantes, que produzem os ótimos rótulos catarinenses. Na página ao lado, as curvas sinuosas da Serra Catarinense

A ROTA DOS VINHOS DE SANTA CATARINA

Na região mais fria do Brasil, um passeio pelos vinhedos e vinícolas que estão sobressaindo na Região Sul

Pense em um vinho brasileiro. Talvez venham à mente um espumante da Serra Gaúcha ou um Syrah do Vale do São Francisco. Dificilmente a lembrança recairia sobre um rótulo catarinense — mas esse mapa mudou. Em 2021, o Inpi reconheceu a Indicação de Procedência Vinhos de Altitude de Santa Catarina, que abrange 29 municípios com vinhedos entre 900 e 1.400 metros de altitude. São Joaquim, Urubici e Bom Retiro, na Serra Catarinense, formam o principal eixo do enoturismo local.

É justamente a altitude que ajuda a explicar o que acontece nas taças. Nas áreas mais elevadas, o frio prolonga o ciclo de maturação das uvas e adia a colheita para mais tarde, muitas vezes até o outono. A serra está entre as regiões mais frias do país, embora seja melhor deixar de lado o rótulo de “região mais fria do Brasil”: os menores registros de

temperatura variam conforme o ano, a altitude e o ponto de medição.

ESTRADAS E PAISAGENS

De Florianópolis, a viagem sobe ao Planalto Serrano, passando por Bom Retiro, Urubici e São Joaquim. As estradas são sinuosas e, quando o inverno chega, geada e neblina exigem atenção redobrada: um bom momento da viagem para testar a funcionalidade 4x4 do Mitsubishi Outlander e seus modos de condução para viajar com tranquilidade independente da situação da aderência do asfalto. Em meio à beleza bucólica da região, Urubici serve bem como base para combinar vinhedos e natureza, e São Joaquim concentra o maior número de vinícolas.

Na Serra do Corvo Branco, as obras da SC-370 ainda exigem atenção às condições de tráfego entre Urubici e Grão-Pará. Pouco adiante, o Morro

da Igreja (1.822 m) oferece um dos mirantes mais conhecidos da região, voltado para a Pedra Furada, com visita gratuita mediante o agendamento prévio pelo ICMBio. Em Bom Retiro, o Campo dos Padres abriga o Morro da Boa Vista (1.827 m), o ponto mais alto de Santa Catarina.

AS VINÍCOLAS

Em São Joaquim, os vinhos de altitude ganham perfis bem distintos. A Pericó cultiva vinhedos a 1.300 m e ficou conhecida pelo Icewine, elaborado em raras safras, com uvas colhidas após o congelamento natural. Na Leone di Venezia, entram em cena variedades exclusivamente italianas e o Oro Vecchio, branco de maceração também conhecido como vinho laranja. Pioneira na região,

a Villa Francioni completou 25 anos e distribui por cinco andares os espaços de produção, degustação e arte. Em Bom Retiro, o roteiro chega à Thera, instalada na Fazenda Bom Retiro, onde a vinícola faz parte de um complexo que reúne hotel boutique, pousada e restaurante.

QUANDO IR

Fim do verão e início do outono são ideais para ver os cachos maduros e acompanhar a colheita. No inverno, as videiras entram em hibernação, mas o frio também atrai visitantes.

ONDE COMER

Em São Joaquim, a Taberna Pizzaria – A Original combina pizzas e uma carta de vinhos catarinenses. Com cardápio amplo, o Pequeno Bosque serve

massas, carnes, trutas, fondues e preparações com ingredientes regionais, e o Ristorante Toscano aposta em carnes grelhadas, hambúrgueres e tábuas de queijos e frios. Em Urubici, o Montês Restaurante reúne influências variadas, com espaço para a cozinha serrana e uma carta dedicada também aos produtores locais.

ONDE FICAR

Em São Joaquim, a Pousada Serra Catarinense oferece cabanas e chalés próximos às vinícolas. Em Urubici, o Village Pedra Preta aposta na imersão na natureza, com chalés espalhados por uma extensa área verde, enquanto o Refúgio do Invernador tem cabanas voltadas para casais, com lareira e banheira de hidromassagem. 

360º

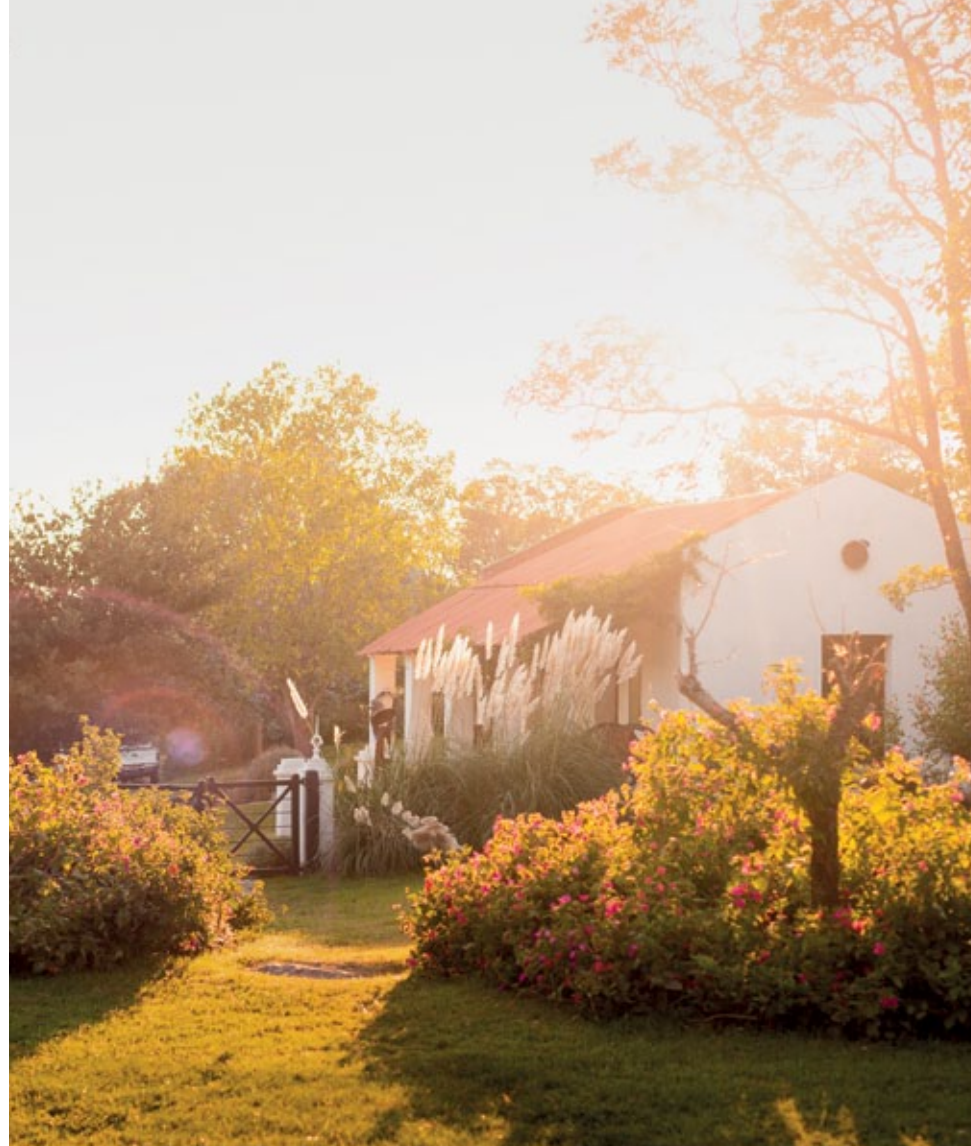
Uma típica estância argentina, hospedagem típica rural no norte do Japão, golfe e tradição na Nova Zelândia, luxo contemporâneo nas Maldivas, um lodge de aventura no Camboja, e bangalôs para dois no Patacho

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



ESTANCIA LOS POTREROS

Nas Sierras Chichas, a aproximadamente uma hora de Córdoba, a Estancia Los Potreros oferece uma experiência profundamente vinculada à tradição rural argentina. Em uma fazenda secular de criação de gado, com 6,5 mil acres, preserva-se o cotidiano de uma autêntica *estancia*. O grande diferencial está na relação com os cavalos: são 140 animais, de temperamento dócil, escolhidos de acordo com o perfil de cada hóspede, desde iniciantes até cavaleiros experientes. Conduzidos por *gauchos*, os passeios percorrem pastagens, colinas pontilhadas por rochas e caminhos que levam ao ponto mais alto da propriedade, conhecido como Top of the World. Há ainda trilhas até uma cachoeira isolada, observação de aves, caminhadas, passeios pela propriedade, polo e a possibilidade de acompanhar o trabalho dos *gauchos* na condução do rebanho de Aberdeen Angus. As instalações ocupam construções históricas de pedra e adobe, com cerca de 250 anos. São apenas sete quartos, todos diferentes, com vigas aparentes, mobiliário antigo, fogões a lenha e vista para o *paddock* frontal, onde os cavalos costumam pastar acompanhados de seus potros. Ao fim do dia, os hóspedes se reúnem em torno de uma longa mesa para refeições caseiras, servidas no jardim, na varanda ou nos salões internos.

estancialospotreros.com

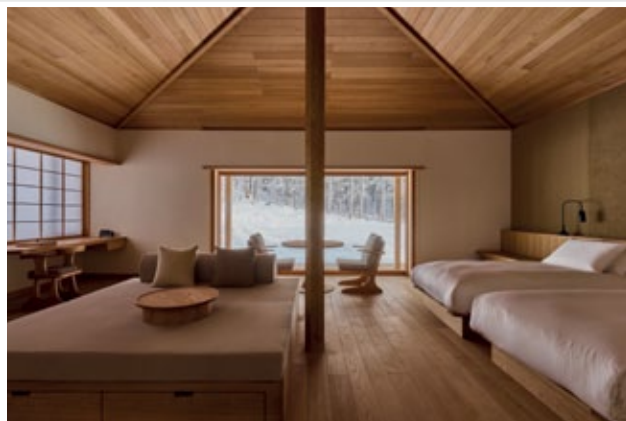




AZUMA FARM KOIWAI

Aos pés do Monte Iwate, na província de Iwate, no norte do Japão, a Azuma Farm Koiwai ocupa 8 hectares da histórica Fazenda Koiwai, uma propriedade de 3 mil hectares, criada 130 anos atrás para recuperar um terreno vulcânico árido. São 22 Forest Villas, de 65,70 m², e duas Garden Villas, de 87,40 m², discretamente distribuídas entre as árvores, com vistas para a montanha. Inspirado nos assentamentos jōmon, o projeto utiliza pinho-vermelho, cedro, castanheiro, freixo e carvalho, todos provenientes da própria região, além de paredes de terra com grama das pastagens locais. A fogueira centraliza a convivência – o *onsen* tem sua inauguração prevista para o final do ano. A gastronomia combina frutos do mar de Sanriku a ingredientes de montanha de Tohoku. Entre as experiências estão passeios a cavalo, caminhadas sazonais, visitas a mestres da arte do ferro Nanbu, oficinas de laca, campos de wasabi e produtores de saquê. Um mergulho no Japão rural, em sintonia com o princípio do *slow living*.

azumafarms.com



VOCÊ NASCEU PARA VOAR.

Tudo o que seu voo
precisa, em um só lugar.

Fretamento • Aeromédico • Manutenção • Gerenciamento



CONHEÇA TODOS
OS SERVIÇOS VOAR.





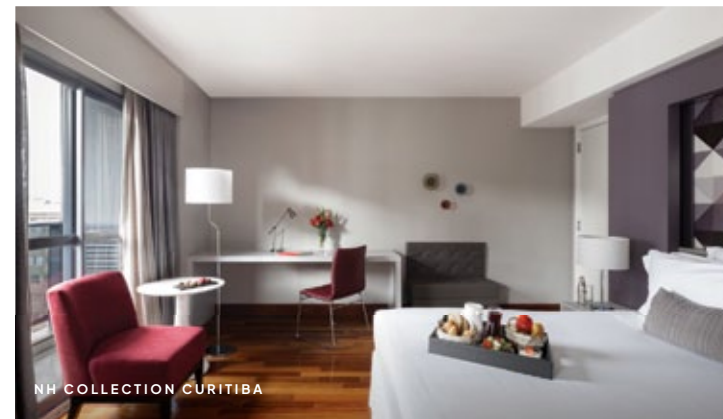
50
anni
artefacto



COLEÇÃO COSMOS

SOFÁ SOLAR SYSTEM | DESIGN PATRICIA ANASTASSIADIS



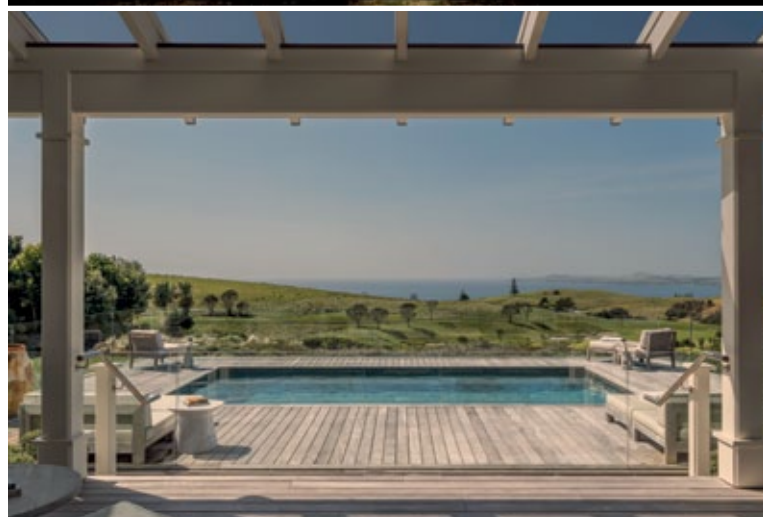


ROSEWOOD KAURI CLIFFS

Em Northland, na Ilha Norte da Nova Zelândia, o Rosewood Kauri Cliffs se revela após um percurso acidentado por estradas rurais, entre paisagens selvagens e uma fazenda de ovelhas em atividade. O *lodge*, inspirado nas antigas propriedades do sul dos Estados Unidos, combina a atmosfera de uma residência dos Hamptons ao despojamento de uma casa de campo, com a informalidade reforçada pela presença constante dos animais. A natureza predomina no terreno, que conta com um campo de golfe profissional projetado por David Harman e estendido até as falésias, sobre o Oceano Pacífico. As acomodações têm lareiras, poltronas voltadas para a paisagem e vistas que alcançam o campo e o mar. O spa, instalado junto a um riacho, em meio à mata nativa, é o ponto de partida para trilhas que levam a baías desertas, frequentadas por orcas e baleias.

Na gastronomia, prevalece o conceito *farm to table*, com cordeiros provenientes da própria fazenda e peixes pescados na mesma manhã, como *snapper* e *kingfish*. O concierge organiza passeios de helicóptero, travessias privadas de catamarã pela Bay of Islands e deslocamentos até praias isoladas.

rosewoodhotels.com



Explore o mundo com a Minor Hotels

Embarque em uma jornada inesquecível com o grupo internacional Minor Hotels. Estamos no coração das cidades mais vibrantes, nas praias mais deslumbrantes e nos refúgios de selva mais remotos.

E no Brasil, temos um convite especial para você:

Seja um dos primeiros a vivenciar o charme e a cultura do Norte em nossa mais nova abertura, o Tivoli Maiorana Belém do Pará.

Encontre a perfeita sintonia entre luxo e natureza no premiado Tivoli Ecoresort Praia do Forte ou mergulhe na sofisticação cosmopolita do Tivoli Mofarrej São Paulo. Para estadas urbanas, conte com a excelência do NH Collection Curitiba e a modernidade do NH Feira de Santana. Onde quer que sua aventura o leve, no Brasil ou pelo mundo, estaremos à sua espera.

MINOR
HOTELS

MINORHOTELS.COM

Agora, o mundo está a um voo de distância.



voegol.com.br



Voe para Nova York, Paris, Lisboa e Orlando
na nossa nova classe Business INSIGNIA,
com maior conforto, enquanto aprecia
a mais alta gastronomia brasileira.

Business INSIGNIA



Inteligência
faz a gente voar 
Agora pelo mundo. Linhas Aéreas Inteligentes



RAH GILI MALDIVES

No Atol de Malé Sul, o RAH GILI Maldives ocupa uma ilha privativa vizinha a um santuário de golfinhos protegido. Primeiro empreendimento da Six & Six Private Islands, combina design contemporâneo, atmosfera descontraída e uma abordagem mais social ao luxo nas Maldivas. São 74 vilas, com piscinas privativas, sendo 37 sobre a água, algumas equipadas com escorregadores que conduzem diretamente à lagoa. A área gastronômica reúne seis restaurantes e quatro bares, com propostas que percorrem sabores maldivos, asiáticos e italianos. No Amrit Beach Club, coquetéis e música prolongam a convivência após o pôr do sol. Entre as atividades, a região é propícia para mergulho, esportes aquáticos, observação de golfinhos, piqueniques em bancos de areia e apresentações de *boduberu*. O spa oferece cinco salas de tratamento, pavilhão de ioga, sessões ao nascer do sol e sessões sonoras ao entardecer. Há ainda *kids club*, academia e todo um protocolo que prioriza a privacidade e o bem-estar, com foco na proteção do ecossistema marinho.

rahgili.com



UNQUIET APRESENTA



Viaje no seu ritmo

Cresce entre os brasileiros de alto padrão o interesse por cruzeiros fluviais e de iate – viagens mais íntimas, guiadas por gastronomia, cultura e história



O movimento é real. Estudos mostram que mais da metade dos viajantes brasileiros de alto padrão já considera experimentar um cruzeiro fluvial. É uma viagem que não combina com roteiros acelerados nem multidões, mas com refeições *farm to table*, paisagens contemplativas e experiências culturais e históricas.

Esse é o luxo que o viajante brasileiro busca hoje: menos relacionado ao tamanho e mais ao serviço, à gastronomia, à geografia, à cultura e à história, vividos de perto. “O brasileiro está mais atento ao consumir esse tipo de viagem. Ele não busca mais apenas o maior ou o mais exclusivo, mas o diferencial do destino e da experiência, o relato da história e da cultura, à mesa, no rio, no gelo ou sob o sol”, afirma Ricardo Alves, CEO da Velle.

Especialista na comercialização de cruzeiros fluviais, iates e small ships de alto padrão, a Velle acompanha de perto esse crescimento desde 2008, e a aposta na América do Sul já é realidade. Vale destacar que AmaWaterways chegou ao rio Magdalena, na Colômbia, com dois navios em operação, prova de que o interesse brasileiro ajuda a

puxar a expansão global da marca, agora também pertinho de casa.

A companhia também lançou três datas em 2026 e outras três em 2027 sob o nome AmaBrasil, com roteiros pelos rios Danúbio, Reno e Ródano. A Emerald prepara sua primeira saída totalmente em português pelo Ródano, de Arles a Lyon, em abril de 2027.

A oferta também se expande para outros cenários. Nas águas quentes, o Emerald Kaia estreia rotas pelas Ilhas Seychelles ainda em 2026, enquanto o Caribe mantém roteiros intimistas. Nas regiões polares, os *Scenic Eclipse I e II* retornam à Antártica na temporada 2026/2027, com helicópteros e submarinos a bordo. Já o *Scenic Icon*, com o casco preparado para o gelo, poderá navegar tanto em águas frias quanto no Mediterrâneo. Com chegada prevista para 2028, fará a ponte entre o calor de Cabo Verde e o silêncio antártico.

“Ao seu ritmo” é, afinal, o conceito que melhor traduz esse novo jeito de viajar. E o Brasil, cada vez mais, embarca nesse estilo. 📍

PARA MAIS INFORMAÇÕES:
navegar.velle.tur.br/velle

DESENHADO PELA *Ford*

REDESENHADO PELAS TRILHAS



Desacelere. Seu bem maior é a vida.

DESCUBRA O FORD BRONCO SPORT®





SHINTA MANI WILD

Em meio às florestas de madeira nobre do Camboja, o Shinta Mani Wild ocupa uma área que seus proprietários decidiram preservar após adquiri-la em um leilão destinado à exploração madeireira. O acesso já anuncia o caráter aventureiro da hospedagem: uma tirolesa conduz os hóspedes pela copa das árvores até o bar, instalado perto de uma cachoeira. São apenas 15 tendas, decoradas em estilo *vintage*, com banheiras, móveis antigos, baús, livros encadernados e acessórios para coquetéis. Atividades como *mountain bike*, caiaque, observação de orquídeas, pesca com mosca e patrulhas de combate à caça ilegal fazem parte da rotina oferecida. A gastronomia valoriza saladas, sopas, frutos, cogumelos e folhas coletados na floresta, além de menus de inspiração Khmer, o grupo étnico majoritário no Camboja. A hospedagem inclui tratamentos ilimitados no spa, acesso à piscina de aço negro e acompanhamento constante de guias e mordomos. Com compromisso declarado com a conservação, o *camp* transforma a imersão na natureza em uma experiência de aventura e preservação.

shintamani.com



A ÁFRICA COMEÇA AQUI E VAI MUITO ALÉM

COM VOOS DIRETOS PARA JOANESBURGO
E CIDADE DO CABO SAINDO DE SÃO PAULO



VOE COM A SOUTH AFRICAN AIRWAYS
FLYSAA.COM
OU PROCURE SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

SOUTH AFRICAN AIRWAYS

A STAR ALLIANCE MEMBER

A diferença da OCEANIA CRUISES®

ITINERÁRIOS IMERSIVOS

Viagens diversas e ricas em portos que dão aos hóspedes a liberdade de explorar em seu próprio tempo e de se conectar mais profundamente com os lugares que os inspiram.

NAVIOS LUXUOSOS E INTIMISTAS

Navios menores e uma atmosfera luxuosa e relaxada que garante que os hóspedes desfrutem de um ambiente tranquilo e refinado, exclusivo para adultos.

HOSPITALIDADE GENUÍNA

Serviço atencioso e experiências enriquecedoras oferecidas com sinceridade, cuidado e toque pessoal.

THE FINEST CUISINE AT SEA®

Experiências gastronômicas desenvolvidas para encantar aqueles que enxergam a culinária como uma janela para a cultura, criatividade e conexão.

Uma das companhias de cruzeiro mais premiadas do mundo

THE POINTS GUY
Best New Ship
Oceania Vista

CONDÉ NAST TRAVELER GOLD LIST
Best Cruise Ships in the World
Oceania Marina

PORTHOLE CRUISE & TRAVEL
Best Main Dining Room Cuisine
Best Luxury Line

CRUISE CRITIC EDITOR'S AWARDS
Best Dining | Best Shore Excursions
Luxury Category

OCEANIA
CRUISES®
YOUR WORLD. YOUR WAY.®



Escaneie
para mais informações

ACESSE **OCEANIACRUISES.COM**
OU CONTATE SEU **AGENTE DE VIAGENS**





KAMAI POUSADA BOUTIQUE

Com a proposta de receber apenas adultos, como um refúgio de paz e tranquilidade na Praia do Patacho, Porto de Pedras (AL), a Kamai Pousada Boutique está totalmente voltada para o mar. Certificada com a Bandeira Azul, a praia reúne águas mornas e cristalinas, piscinas naturais e ocupação controlada, marcada por empreendimentos de pequena escala. A pousada inicia a operação com oito acomodações e chegará a 16 unidades em fevereiro de 2027, entre bangalôs Garden, Ocean e Solarium. O Ocean Bungalow, com piscina privativa, destaca-se por sua vista cênica da praia. Com arquitetura de Rodrigo Fagá, o projeto combina concreto, madeira e pedra em edificações baixas, integradas à paisagem. A programação inclui ioga ao nascer do sol, massagens, *sunsets*, luais, jantares privativos e momentos de contemplação. O menu da *chef* Mylenna Luz valoriza frutos do mar, ingredientes alagoanos e produtos de pequenos produtores locais. A piscina e o espaço de massagens completam a proposta de descanso à beira-mar.

kamaipousadaboutique.com.br



muutoo além do tapete...

siga-nos



bykamy.com.br



textura que envolve

São Paulo

Maison: Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1.147

Shopping D&D: Av. Nações Unidas, 12.551 - Lj. 208

Outlet Gabriel: Rua Othão, 350 - Vila Leopoldina





*Às vezes, o melhor hotel
não é um hotel.*

VIVA O OCEAN STATE OF MIND



TODAS AS SUÍTES DE FRENTE PARA O MAR | ITINERÁRIOS IMERSIVOS
GASTRONOMIA PREMIADA | BEM-ESTAR HOLÍSTICO | DESIGN EUROPEU SOFISTICADO

EXPLORAJOURNEYS.COM

Entre em contato com seu agente de viagens de preferência ou ligue para +55 11 2500 0458



O luxo de viajar com significado

Entender lugares, experimentar novas culturas, passar tempo de qualidade com quem realmente importa e olhar com empatia para o planeta são as novas escolhas dos viajantes



Expedições e aventuras a lugares remotos para vivenciar experiências profundas são motivações para viajar



Tempo em família, mergulhos culturais, contato intenso com a natureza, autocuidado e reconhecimento são propósitos que movem os viajantes

Nesse novo
imaginário, a
natureza deixa de
ser cenário e passa
a ser presença



Viagens de Cultura
e Conhecimento
e Legado e
Pertencimento são
enriquecedoras
cultural e
espiritualmente



O encontro das melhores experiências

Em um jantar comandado por Alex Atala e embalado por uma apresentação intimista de Matheus & Kauan, o BTG Pactual reuniu embaixadores da marca, empresários, criadores de conteúdo e convidados especiais para traduzir, na prática, a proposta do Ultrablue World Legend Mastercard, sua mais nova categoria premium de cartões

Algumas experiências não podem ser resumidas em uma lista de benefícios. Elas precisam ser vividas. Foi justamente essa a proposta do BTG Pactual ao promover uma noite exclusiva em São Paulo para apresentar o cartão Ultrablue World Legend Mastercard, a categoria mais exclusiva da plataforma Ultrablue, desenvolvida para clientes com investimentos a partir de R\$ 3 milhões.

Mais do que um lançamento, o encontro foi concebido para materializar uma visão: a de que as experiências mais valiosas são aquelas que combinam acesso, curadoria, conveniência e conexões autênticas.

Para dar vida a esse conceito, o banco reuniu alguns de seus principais embaixadores e parceiros de marca em um ambiente que refletia os pilares do World Legend. Estiveram presentes nomes como Kaká, Diego Ribas, Rodrigo Hilbert, Silvia Braz, Lelê Burnier, Manu Cit, Marcella Tranchesi,



Ao lado, convidados celebram o lançamento do novo cartão Ultrablue World Legend Mastercard, do BTG Pactual. O chef Alex Atala (na foto, com Rodrigo Hilbert) assinou o menu da grande noite. Na página ao lado, o novo cartão

Marcus Buaiz, Flávio Augusto, Alberto Landgraf e Alex Atala, ao lado de sócios e lideranças do BTG Pactual. A diversidade dos convidados não foi casual. Cada um representa diferentes dimensões de um estilo de vida marcado por excelência, performance, autenticidade e acesso a experiências únicas.

O cenário da noite foi a Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, um dos espaços mais emblemáticos da capital paulista. Em meio à arquitetura, à natureza e a uma atmosfera reservada, os convidados participaram de uma experiência desenhada nos mínimos detalhes.

À frente da gastronomia esteve Alex Atala, uma referência mundial da cozinha brasileira e embaixador da marca BTG Pactual. O chef elaborou um menu exclusivo para a ocasião, transformando o jantar em uma extensão natural da proposta do World Legend: oferecer acesso ao extraordinário de forma genuína, sofisticada e memorável.

“Na gastronomia, os detalhes fazem toda a diferença. Não é apenas sobre servir um prato, mas construir uma experiência completa, pensada do início ao fim. Quando existe cuidado na curadoria, na execução e na forma como as pessoas vivem aquele momento, o resultado deixa de ser apenas uma refeição e se transforma em memória”, comenta o chef Alex Atala.

A noite também contou com um pocket show de Matheus & Kauan, embaixadores do território de música do banco, reforçando outro atributo cada vez mais valorizado: a exclusividade. O privilégio de viver momentos únicos, em contextos cuidadosamente selecionados.

Ao longo da jornada, diferentes convidados vivenciaram experiências conectadas aos principais diferenciais do cartão, demonstrando como o produto foi concebido para atuar além das transações financeiras. Da mobilidade premium à hotelaria de luxo, da gastronomia à experiência aeroportuária, o objetivo foi mostrar como diferentes benefícios podem transformar momentos cotidianos em experiências extraordinárias.





Lançado recentemente pelo BTG Pactual, o Ultrablue World Legend Mastercard reúne um dos programas de recompensas mais competitivos do mercado, com o acúmulo de 4,5 pontos por dólar gasto ou 2% de *cashback*, além de uma série de benefícios voltados ao universo de viagens, *lifestyle*, cultura e alta gastronomia.

Entre seus diferenciais estão IOF zero em compras internacionais, Seguro Viagem Omint para titular e acompanhantes, acesso ilimitado a mais de 2 mil salas VIP em aeroportos ao redor do mundo por meio do DragonPass e LoungeKey, corridas em veículos blindados da Rhino para traslados a aeroportos e benefícios exclusivos no Terminal BTG Pactual.

A experiência se estende ainda a restaurantes reconhecidos pelo *Guia Michelin*, hotéis de luxo selecionados, acesso ilimitado ao Taste of Priceless no Aeroporto Internacional de Guarulhos, parcerias internacionais, como com a vinícola italiana Argiano, e um serviço de *art advisory* desenvolvido em parceria com a galeria Nara Roesler.

“O World Legend Mastercard representa a evolução da plataforma Ultrablue. Criamos uma proposta capaz de integrar benefícios financeiros, experiências exclusivas e conveniências que acompanham nossos clientes em diferentes momentos de sua vida, em viagens, na gastronomia, na cultura ou no dia a dia”, afirma Marcelo Flora,

Acima, nesta e na outra página, convidados do evento, a linda decoração do jantar e *pocket show* da dupla Matheus & Kauan

sócio do BTG Pactual. Mais do que um conjunto de benefícios, o World Legend foi concebido como um ecossistema de experiências.

“O BTG Pactual Ultrablue World Legend Mastercard reforça nosso compromisso de desenvolver, ao lado de parceiros estratégicos, como o BTG Pactual, soluções que acompanhem as expectativas de clientes de altíssima renda. O World Legend Mastercard representa o mais alto nível do nosso portfólio e combina um conjunto de experiências cuidadosamente selecionadas para quem busca conveniência, exclusividade e sofisticação em diferentes momentos de sua jornada”, afirma Marcelo Tangioni, presidente da Mastercard Brasil.

Ao final da noite, a principal mensagem ficou clara. O Ultrablue World Legend Mastercard não nasce apenas como um cartão. Surge como uma plataforma de acesso construída para clientes que valorizam excelência em todas as dimensões da vida.

E talvez a melhor tradução da proposta tenha acontecido ao redor da mesma mesa: líderes, grandes nomes do esporte, criadores de conteúdo, referências da gastronomia e convidados especiais compartilhando uma experiência cuidadosamente desenhada para demonstrar que, no universo World Legend, a exclusividade não está apenas no que se possui, mas principalmente naquilo que se pode viver. 📍

48 HORAS

Descobrimos Sydney

Da baía que explode em cores no Réveillon às cervejarias escondidas em Marrickville, a maior cidade da Austrália combina praias, nightlife, penhascos, surfe e uma saudável rivalidade com Melbourne — em um caldeirão que a coloca no top dez dos rankings globais de qualidade de vida

POR CARLOS MARCONDES

NOITE

Sydney navega em busca de taças cada vez mais *cool*. Os bairros *hipster* de Newtown e Surry Hills, além de Marrickville, com suas incríveis cervejarias, exalam ares de uma metrópole cosmopolita vibrante, cultural e progressista (viva o Mardi Gras!). Basta caminhar por ruas como Crown, Foster e King e se encantar com a diversidade.

Os chamados minibares têm se tornado uma coqueluche aconchegante, como o Bar Planet, um éden dos amantes de martini, e o Cantina Ok!, autodenominado de Micro Mezcal Mecca, que funciona em uma antiga vaga de estacionamento.

Não distante, no coração da cidade (CBD), há outra tendência: a dos escondidos. É o caso do The Caterpillar Club, um clube de jazz *underground* charmoso, tentador para os amantes de *soul music*. Era uma célebre casa de *striptease* que foi repaginada como um bar hollywoodiano dos anos 1970, de ares nostálgicos, repleta de curvas e tons em vermelhos aveludados e tomada por uma ótima *vibe*.

GASTRONOMIA

Não há uma cozinha realmente australiana. A beleza da gastronomia aqui é a pluralidade de influências. Sou atraído por propostas originais, como a do Aambra, que exalta a riqueza das mesas típicas do Levante (Oriente Médio e Mediterrâneo), dentro de uma antiga igreja metodista de 120 anos. Pratos inspirados em países como Líbano, Síria, Chipre, Jordânia e Egito são apresentados em um ambiente celestial, com o pé-direito de 10 m e iluminado por imensos vitrais da construção original. A chamada *australian cuisine* também tem uma faceta asiática célebre. Em Surry Hills, destacam-se o despojado tailandês Spice I Am e o *supercool* indiano Don't Tell Aunty, de decoração bollywoodiana.

CULTURA

Em Gadigal Land, como Sydney é chamada pelos povos originários, há uma vasta opção no portfólio de museus, como o Art Gallery of New South Wales + Modern Project, o White Rabbit Gallery e



o novo Powerhouse Parramatta, com previsão de inauguração para este semestre, e que já é considerado como um dos principais novos projetos culturais no mundo. Mas poucos representam o espírito australiano como o Carriageworks, uma antiga oficina ferroviária transformada em um centro artístico, com instalações, fotografia, moda, performances e design, além do famoso Farmers Market aos sábados, que exalta a essência da gastronomia da cidade.

NORTHERN BEACHES

Costumo dizer que o *ferry* que parte do Circular Quay, o coração da cidade, onde estão a Ópera House e a Harbour Bridge, rumo à famosa Manly Beach (a rival de Bondi), é o transporte público mais fascinante da Terra. Nas embarcações, misturam-se turistas, trabalhadores, estudantes, todos desfrutando da estonteante Baía de Sydney.



Em sentido horário, drinks do Bar Planet, fachada do Cantina Ok! e ambiente do The Caterpillar Club. Abaixo, o restaurante Aambra, que ocupa uma antiga igreja, e pratos da mesma casa



Elas levam até a mágica Manly, a principal das 21 praias da península norte, também chamadas de Northern Beaches. Se estiver a pé, passeie pelo curso rumo à orla central e reserve uma horinha para um surpreendente *snorkel* entre South Steine e Shelly Beach, passando pela pitoresca piscina de mar Fairy Bower Sea Pool. De táxi, vá a North Head





Acima, obra na White Rabbit Gallery e prato do indiano Don't Tell Aunty. Ao lado, de cima para baixo, o farol de Barrenjoey, em Palm Beach, obras na Art Gallery of New South Wales e vista externa do novo Powerhouse Parramatta



– um penhasco de vista espetacular, diante da costa sul da cidade, onde se aprecia o encontro da Baía de Sydney com as águas profundas do Pacífico Sul.

Se estiver de carro, explore os quase 30 km de península pela costa, passando por praias lindas, como Freshwater, Curl Curl, Long Reef Headland e Mona Vale, até o extremo norte, onde se encontram a cobiçada Palm Beach e o farol The Barrenjoey. Na volta, aprecie o pôr do sol no The Newport ou em Manly Harbour (onde o ferry atraca), no descolado Felons Brewing.

HOSPEDAGEM

A hotelaria de luxo está representada na cidade por bandeiras como Four Seasons, Mandarin Oriental, Intercontinental e pelo novo W Hotel, bem localizados e com ótimas estruturas. Se a ideia é se hospedar com mais personalidade, o Capella ocupa um prédio histórico de 1912, a ex-sede da secretaria de educação do país. O endereço entrega sofisticação em uma dosagem equilibrada. Já no quesito clássico boutique, poucos superam o The Old Clare, ao lado da Central Station. A autenticidade também pulsa em dois outros endereços: o Ace, conhecido por ser um ponto de encontro de gente criativa, e o 25hours The Olympia, ousado, bem-humorado e *vintage*, encravado entre Paddington e Surry Hills.



Acima, em sentido horário, a piscina oceânica Fairy Bower Sea Pool, em Manly, e um dos ambientes e fachada do Ace Hotel

PARA INSIDERS

Passear como um *sydneysider* (como são chamados os locais) é deixar de lado os cartões-postais por algumas horas e mergulhar no charme e na criatividade de bairros que dão cor à cidade. Surry Hills é o coração dessa cena, com cafés, galerias, livrarias e butikues de marcas Australianas independentes. Paddington combina elegantes casas vitorianas com algumas das melhores lojas de moda e decoração e, aos sábados, ganha ainda mais vida com os tradicionais Paddington Markets, dedicados a moda, arte e artesanato. Já Darlinghurst convida a passeios tranquilos, entre pequenas butikues, bares de vinho, livrarias e restaurantes escondidos, que parecem feitos para os moradores.

Newtown é para quem se veste em brechós, lojas vintage, discos de vinil, arte urbana e uma atmosfera alternativa e multicultural. Ao lado, o menos famoso Enmore preserva um clima ainda mais autêntico, com pequenos comércios, teatros históricos e cafés independentes. Também menos turística, Marrickville expressa a Sydney do dia a dia: é multicultural e onde antigas áreas industriais deram lugar a cervejarias artesanais, estúdios criativos, excelentes padarias, mercados étnicos e um cenário gastronômico vibrante. Aos domingos, o Marrickville Organic Food & Farmers Market reúne produtores locais, alimentos orgânicos e pequenos artesãos, reforçando o espírito comunitário do bairro, em uma cidade sempre em metamorfose. 📍



“Um Peixe Bom Eu Vou Trazer...”

Iniciativa com impacto socioambiental, econômico e cultural, o Projeto A.MAR valoriza a pesca artesanal em comunidades tradicionais isoladas e promove a capacitação de pescadores e a autonomia alimentar

POR LUIZA FECAROTTA

Alex de Jesus tem 40 e poucos anos e nunca deixou a Praia do Bonete, em Ilhabela, a comunidade caiçara onde nasceu, aprendeu a pescar com o pai em canoas cavadas num só tronco e onde cria os três filhos. Nos últimos dias, porém, seu nome passou a circular além daquela enseada isolada no litoral norte de São Paulo.

Foi reconhecido pelo Ministério da Pesca como um guardião dos saberes tradicionais da pesca artesanal, título que homenageia mestres responsáveis por preservar técnicas e conhecimentos transmitidos entre gerações. O título, cuja concorrência foi acirrada, com mais de 300 participantes por todo o Brasil, ajuda a compreender a intenção do Instituto

A.MAR, fundado e conduzido pelo empreendedor Rodolfo Vilar, em 2023, para valorizar a pesca artesanal e as comunidades que a mantêm.

Dorival Caymmi dificilmente imaginaria que, quase sete décadas depois de compor *Suíte do Pescador*, por meio da qual deu voz ao pescador artesanal, um projeto surgido em Ilhabela nasceria justamente para preservar o modo de vida que havia eternizado em sua canção. O A.MAR criou um ecossistema formado por laboratório, escola, restaurante e projetos sociais para garantir que a pesca artesanal sobreviva como uma atividade capaz de sustentar as comunidades que dela vivem – e não só como uma simples memória do canção popular brasileiro.

O instituto, que nasceu para fortalecer as comu-



nidades pesqueiras tradicionais, está em expansão. Além do restaurante recém-aberto na ilha, que funciona apenas uma vez ao mês ou com reserva para pequenos grupos, são ferramentas do projeto o laboratório de pesquisa e desenvolvimento de produtos e a Escola de Alimentos do Mar, que capacita pescadores para obter peixes de melhor qualidade e com maior valor agregado.

Pescadores como Alex, de uma comunidade tradicional, sem energia elétrica, passaram a aprender técnicas como o *ikejime*, o método japonês de abate que melhora a qualidade do pescado e amplia seu valor comercial. “Aprendi muito com o Rodolfo. Com técnica, a gente tem um peixe melhor”, diz o caiçara. “E, com o peixe melhor, o preço também dá uma valorizada.” O instituto também distribui gelo gratuitamente, incentiva a venda direta, prepara familiares para produzir conservas e outros alimentos e desenvolve iniciativas de geração complementar de renda, como a criação de abelhas nativas.

O modelo deixou de ser exclusivo dessa comunidade, acessada somente por barco ou a pé. Depois de experiências no Ceará, onde pescadores artesanais receberam treinamento e passaram a vender diretamente a restaurantes, o instituto abre novas frentes na Bahia e negocia um projeto semelhante com o governo do Benim, na África. A lógica é replicar um sistema que combina a qualificação técnica, a agregação de valor ao pescado e a redução da dependência de atravessadores.

Um dos principais instrumentos desse trabalho é o laboratório instalado em Ilhabela, que realiza pesquisas de técnicas tradicionais de conservação de peixes fora do gelo, como salga, defumação, fermentação, charcutaria e conservas. Os estudos também deram origem a experiências pouco convencionais, como o envelhecimento de espumantes no fundo do mar em parceria com a Vivente, uma vinícola gaúcha. Os produtos desenvolvidosaju-



Em sentido horário, o chef Alex Atala é um dos colaboradores do projeto A.MAR e pescados do projeto. Na página ao lado, pescadores em ação no mar

dam a financiar parte das atividades do instituto.

A Escola de Alimentos do Mar completa esse ciclo. Em cursos e imersões, profissionais e interessados aprendem desde boas práticas de pesca até a maturação, a fermentação e o aproveitamento integral dos pescados, levando adiante conhecimentos desenvolvidos ao lado das comunidades.

Esse percurso termina na sede do instituto, instalada de forma improvável em uma antiga vaga de barco na marina de Ilhabela. À noite, e em datas alternativas e esparsas, o espaço recebe pequenos jantares, preparados apenas com um fogão a lenha e ingredientes desenvolvidos pelo próprio laboratório.

O espaço funciona como uma extensão do instituto: uma maneira de mostrar, à mesa, tudo o que começa no trabalho dos pescadores e na conservação dos saberes antigos. “É um ambiente absolutamente rústico, mas com requinte nos detalhes”, diz Rodolfo. “Meu foco é que você coma bem, fique mais tempo na mesa e escute o que realmente importa: ‘O que é o Instituto A.MAR?’ Quero pegar as pessoas pelo estômago.”

@projetoa.mar



C6BANK

APRESENTA

FESTIVAIS

Entre máscaras e montanhas

No Vale de Paro, o mais importante festival do Butão reúne danças sagradas, rituais centenários e um dos momentos mais emocionantes da espiritualidade budista

POR NATHALIA HEIN

A primeira vista, o Paro Tshechu pode parecer apenas um grande festival religioso, mas basta atravessar os portões do Paro Dzong – a fortaleza-monastério que domina o Vale de Paro – para perceber que se trata de uma das mais profundas expressões da cultura butanesa. Durante cinco dias, entre março e abril, monges, famílias e viajantes se reúnem para celebrar uma tradição que atravessa séculos e revela a essência espiritual do país.

Considerado o mais importante dos festivais Tshechu do Butão, o evento transforma o vale em um grande encontro coletivo. Em meio às montanhas do Himalaia, o som dos tambores acompanha procissões, cerimônias e as famosas danças *cham*, executadas por monges e bailarinos com máscaras elaboradas, ornamentos de cabeça e trajes coloridos, que continuam quase inalterados há gerações.

Essas danças encenam episódios da vida de Guru Rinpoche, o mestre responsável pela introdução do budismo no Butão. Divindades protetoras, espíritos e figuras mitológicas ganham movimento em coreografias cuidadosamente preservadas, nas quais cada detalhe tem um significado simbólico: tambores representam a vitória sobre a ilusão, espadas simbolizam a sabedoria e sinos convidam ao despertar espiritual.



Acima, em sentido horário, a impressionante Thongdroel, tapeçaria sagrada de seda, e músicos e procissões desfilando no Paro Tshechu. Na página ao lado, dançarinos com máscaras ornamentadas celebram a tradição

O momento mais aguardado acontece ao amanhecer do último dia, quando é revelado a monumental Thongdroel, uma tapeçaria sagrada de seda, que cobre a fachada do mosteiro. Exibida apenas por algumas horas, ela retrata o Guru Rinpoche cercado por divindades budistas e, segundo a tradição local, sua simples contemplação concede bênçãos e mérito espiritual – significando que deu origem ao próprio nome Thongdroel (“libertação pelo ato de ver”).

Além da dimensão religiosa, o Paro Tshechu oferece a rara oportunidade de conhecer o Butão em sua forma mais autêntica. Artesãos expõem máscaras e tecidos tradicionais, aromas de pratos típicos tomam conta das ruas e moradores, vestidos com seus trajes nacionais, transformam o festival em uma vibrante celebração de sua identidade. 📍



O Nômade Acorado

Peter Beard: o fotógrafo que fez da África sua casa, sua arte e seu diário

POR MARCIO SCAVONE

Como traçar o perfil de um artista que simplesmente parece ter passado a maior parte da vida tentando apagar todos os frágeis contornos que, em vão, muitos tentaram traçar? A resposta está em uma arte atemporal, calcada na fotografia e na colagem.

Alguns anos atrás, tive a chance de retratar o fotógrafo norte-americano Peter Beard, cujo corpo foi encontrado em 2020, num bosque, perto de sua casa, em Long Island. O artista, de 82 anos, teria saído caminhando para não mais voltar. Partiu como viveu, explorando os arredores de sua morada. Fez isso com o mundo e, principalmente, com a África. Transformou-os em redondezas de sua casa.

A experiência é esta: você está na beira da falésia mais alta e bela da Europa (300 m acima do Mediterrâneo), na sua mão suada uma câmera, na sua frente um dos maiores fotógrafos do mundo, que sem avisar decide simular suicídio. Você olha em volta. O contorno do litoral do sul da França, o vinhedo no promontório e na distância as montanhas, que parecem ter saído de telas de Cézanne, fazem você pensar no contorno definido das coisas. Exceto por aquele personagem ali, na sua frente, que desafia qualquer tentativa de definição precisa.

Peter escapou, como ele gosta de dizer, para o leste da África em 1955, em companhia do bisneto de Charles Darwin, quando os Mau-Maus incendiavam árvores e partiam para a destruição do que então integrava o maior santuário de vida selvagem na Terra. Difícil definir o homem que eu fui encontrar. Personagem da noite e do mítico Studio 54, de Nova York, onde, em companhia de Truman Capote ou Andy Warhol, desfilava ao lado da belíssima modelo Cheryl Tiegs, sua companheira entre 1978 e 1986, ou Dorothea McGowan, sua segunda mulher, fotografada para 17 capas da revista *Vogue*. Porém, sempre habitando dois mundos, ele podia também ser encontrado nas manhãs brilhantes das savanas, sob o sol equatorial das Montanhas Ingong ou atravessando o Rio Athi para fotografar elefantes, semimortos de inanição, sendo devorados por crocodilos.



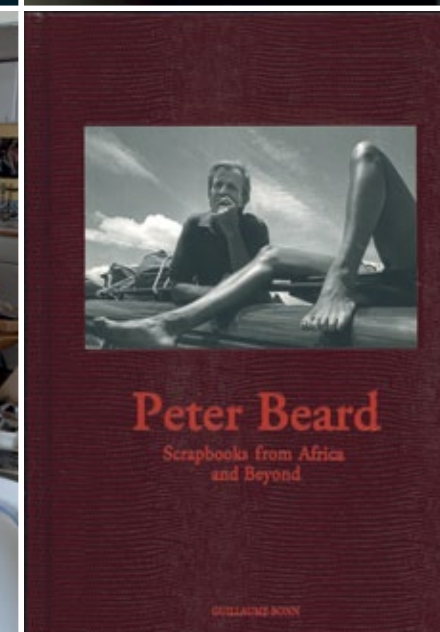
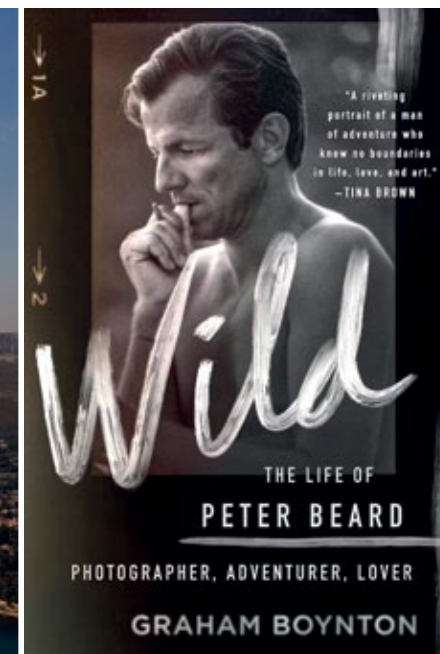


Fui fazer seu retrato na bela Cassis, um pequeno porto de pescadores abrigado por penhascos em um trecho do litoral da Provença, a leste da cidade de Marselha. No primeiro encontro disparei: “My name is Marcio Scavone and I shoot photographers, but this time I came looking for a lion to shoot!” Esperei sua reação, me divertindo com a ambiguidade da língua inglesa no que se refere aos termos “atirar” e “fotografar”, ambos definidos pelo verbo “to shoot”. Olhei no fundo dos olhos de Peter, senti que no seu sorriso começava uma amizade. Encontrei nele não o velho caçador que eu imaginava, mas um artista contemporâneo incrivelmente conectado com o mundo. Um inquieto caçador de imagens e notícias para povoar suas incríveis colagens, um norte-americano universal, digno das páginas de Hemingway.

Peter, um diarista compulsivo desde a adolescência, tem nesse exercício os alicerces de sua arte. Quando um fotógrafo faz *scrapbooks*, ou diários de imagens, demonstra o desejo de acorrentar o tempo, leva pelas mãos as furtivas lembranças com o cuidado dos que não querem ser mal interpretados amanhã. Apaixonado defensor dos elefantes, talvez inconscientemente ele estivesse tentando roubar deles o seu maior atributo: a memória. Memória para não esquecer o seu primeiro encontro com a escritora dinamarquesa Karen Blixen, que escreveu as legendas de seu livro *The End of the Game*, ou com sir Francis Bacon, um dos maiores pintores do século XX, que, fascinado com suas imagens de carcaças desidratadas de elefantes, acolheu o então jovem norte-americano para dentro de seu exclusivíssimo círculo de amizades e, principalmente, de retratáveis.



Acima, Peter
exibe um poster
em seu estúdio
no Quênia,
registro ao lado
de uma girafa e
o livro *The End of
the Game*



Acima, em
sentido horário,
Peter e Marcio
em cima das
falésias de Cape
Canaille, em
Cassis, obras de
Peter Beard e
o artista e seu
assistente em
seu estúdio

Certa vez, quando uma de suas fotografias foi parar na capa da respeitadíssima *Life*, ele comentou, segurando a revista: “A foto não é boa, mas o elefante é magnífico”. Coerente, explicava mais uma vez o seu credo: “Sou um parasita do assunto que fotografo”. Sabem disso os grandes fotógrafos. No começo, é sobre a fotografia. Depois, quando fazemos imagens que realmente ficam, é sobre as coisas que amamos. Peter é um artista que insiste em afirmar que os seus diários são inúteis, “visto que somos todos formigas em um formigueiro, a vagar sem rumo entre o nascimento e a morte”. Mas são exatamente esses diários que se encarregam de dilacerar seu olhar e disparam mecanismos no canto mais obscuro do cérebro para alimentar sua criatividade.

Deixei Cassis com alguns pedregulhos da praia – desses que Peter usava nas colagens – no meu bolso. Eles faziam o barulhinho de contas quando eu andava. Eu queria uma prova concreta, a mais, além das fotografias, do nosso encontro, de que ele não teria sido um sonho extremamente visual. E assim fui me despedindo das falésias banhadas pelo Sol poente. O enigma ganhava contornos, finalmente. A sombra e a luz, o glamour e a simplicidade, a falésia silenciosa e o som e a fúria dos olhos de Peter Beard. 📍

Aonde quer que eu vá...

Lançamentos que reúnem tecnologia, estética, funcionalidade e propósito para montar uma mala completa

POR FERNANDA MENEGUETTI

TECNOLOGIA A FAVOR DA LETRA

O novo reMarkable Paper Pure une o gesto intuitivo da escrita à mão às facilidades do mundo digital em um corpo ultrafino de 360 g. Diretamente da Noruega, o *gadget* chega com bateria para até três semanas, 32 GB de armazenamento (quatro vezes mais que a versão anterior) e uma tela com 20% mais contraste, desenhada para poupar a vista. O pulo do gato, porém, está em transformar letras apressadas em texto organizado e compartilhável – puro ouro para as notas de reuniões! Sua Marker Plus, com pontas mais resistentes, evoca a sensação de caneta sobre papel, inclusive sobre PDFs e ePUBs importados pelo dispositivo.

news.remarkable.com

UMA MALA ATEMPORAL

Leve, expansível e desenvolvida na Suíça, a Airox Advanced Extension combina organização inteligente, rodas silenciosas e manobrabilidade. Traz forro antimicrobiano SILVADUR™, bolso para rastreador com até 20% mais espaço e policarbonato puro. Durável e feita para muitas jornadas, tem garantia de 1 + 10 anos – um diferencial de longevidade e consumo mais consciente.

victorinoxstore.com.br

DORMIR BEM ONDE QUER QUE SE ESTEJA

A Hatch Go é um pequeno aparelho de som recarregável feito para levar o ritual do sono a qualquer canto. Com dez sons, entre chuva, oceano, vento e batimentos cardíacos, abafa os ruídos externos – de um hotel, uma rua barulhenta ou uma casa desconhecida. Dispensa *app*, *wi-fi* e Bluetooth: é ligar e dormir. A bateria dura mais de 12 horas e, sim, ele vem acompanhado de cabo USB-C. Há também um anel para prendê-lo na bolsa, no carrinho de bebê ou onde for preciso. Disponível em cinco cores, tem 99% de plástico reciclado na composição. Um antídoto singelo para a imprevisibilidade de dormir fora.

hatch.co



UM TREINADOR PARA LEVAR À PISTA

No Carv 2, os movimentos dos pés viram uma conversa sobre como esquiar melhor. Dois pequenos sensores presos às botas registram o que acontece a cada curva e enviam os dados ao aplicativo, que mostra onde a técnica pode ganhar precisão. Com fones de ouvido, os ajustes chegam em tempo real, ainda durante a descida – a distribuição de peso, a posição dos pés ou a pressão aplicada à neve. O resultado aparece em trajetórias mais estáveis, o que evita a troca de um dia de esqui por um de aula. Um treinador de bolso para quem ainda tem neve pela frente no Hemisfério Sul ou já está de olho na próxima temporada no Hemisfério Norte.

getcarv.com

A PULSEIRA FITNESS DO GOOGLE

Novidade do Google, a Fitbit Air é uma pulseira *fitness* sem tela. Com somente 12 g, ela monitora contínua e precisamente frequência cardíaca, sono, oxigenação do sangue e treinos. A bateria dura até uma semana, sem vibrações e alertas: os dados aparecem no celular, no *app* Google Health, com análises e orientações personalizadas por IA. Feita de materiais reciclados e microajustável, a pulseira de silicone é ultrarresistente ao suor e à água. Compatível com Android e iOS, tem uma edição especial inspirada no jogador Stephen Curry.

amazon.com.br

UM PRESENTE PARA HOJE E PARA O FUTURO

Neste Dia das Crianças, dê um presente que incentive a educação financeira desde cedo. A C6 Yellow é a conta do C6 Bank para crianças e adolescentes, com cartão de débito personalizável, *app* próprio e investimento por objetivos a partir de 10 reais. É possível criar até três metas – como comprar um videogame, fazer um curso ou viajar em família – enquanto o dinheiro é aplicado em um CDB com liquidez diária que rende 102% do CDI. Esse é o primeiro passo para uma relação saudável com o dinheiro, com o tutor acompanhando cada passo pela sua conta do C6 Bank.

c6bank.com.br

O MELHOR
ÂNGULO É
O QUE RESPEITA
O DESTINO

Viajar com consciência e responsabilidade
preservando o planeta.

UNQUIET

@REVISTAUNQUIET

ONÇA PINTADA - PANTANAL, BRASIL



BRASIL

Pelos rios do Pantanal

Setecentos quilômetros de rios em um cruzeiro fluvial, encontros inesperados e a emoção de observar de perto a vida selvagem na mais remota região pantaneira, a Serra do Amolar

TEXTO E FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



Acima, o barco *Akaia*, que opera o primeiro cruzeiro fluvial do Pantanal, e a rica flora subaquática da região

Eram 5h50 da manhã. Ancorados no Rio São Lourenço, os passageiros do barco *Akaia* já haviam tomado café da manhã e vestiam os coletes salva-vidas para embarcar em um pequeno bote de alumínio chamado *Coração Pantaneiro*. As orientações foram dadas pelo guia e biólogo Fred Crema, que acompanhava o grupo. Com cuidado, todos atravessaram uma pequena passarela presa ao barco e entraram no bote, abastecido com garrafas de café, *coolers* com refrigerantes e potes com frutas.

Devidamente acomodados, lá fomos nós, rapidamente, pelo rio, sob a luz rosada do dia, que clareava. Começava ali a minha experiência no Pantanal River Cruise – o primeiro cruzeiro no Pantanal a realizar o trajeto entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, de Porto Jofre a Corumbá.

Não era a minha primeira vez nessa região, mas era a primeira em que me hospedava em um barco que me mostraria um novo Pantanal, ao longo de um rio.

O *Akaia* é um barco de madeira, clássico da região pantaneira, com propulsão mecânica e sete cabines, que acomodam, com conforto, até 14 passageiros. A tripulação é formada por dez profissionais, a maioria da própria região. A exceção é o guia, que veio de São Paulo, estuda o Pantanal há muito tempo e acabou se tornando um pantaneiro de coração.

Éramos sete passageiros: três australianos, um britânico e três brasileiros. Por ser pequeno, o barco permitia que a tripulação estivesse sempre atenta a cada um de nós. Uma dupla cuidava do serviço de restaurante e procurava agradar aos gostos mais variados.

Estar embarcada traz uma grande vantagem para a observação da vida selvagem. Essa é uma das regiões com maior concentração de animais por metro quadrado no mundo! Por isso, a diferença no tempo de deslocamento entre quem está embarcado no rio e quem está hospedado em terra pode parecer pequena, mas faz muita diferença para quem deseja respirar mais profundamente a natureza, tem pouco tempo de viagem ou busca um melhor posicionamento para observar os animais nos primeiros minutos do dia – quando, por exemplo, é possível avistar um grande felino em um tronco à margem do rio. E foi exatamente isso que aconteceu com o nosso grupo.



A ROTINA DA ONÇA

Saímos logo cedo do ponto de ancoragem do *Akaia*, no Rio São Lourenço, e a bordo do bote entramos pelo Corixo Negro, um famoso braço de rio na região. Poucos minutos depois, avistamos a primeira onça-pintada da viagem.

Embora tivéssemos saído do barco antes das 6 da manhã, quando encontramos a onça já havia três botes bem posicionados entre nós e o felino, bloqueando a nossa observação. Tivemos de lidar com a interferência tanto para observar o animal quanto para captar as imagens. Menos de uma hora depois, mais de 20 botes haviam se aproximado, e terminamos praticamente aprisionados junto à margem, diante do local onde a onça repousava.

Estar a poucos metros de uma onça-pintada provoca uma emoção indescritível, que se confunde entre o lúdico e o real. A onça é o predador da cadeia alimentar na região e, embora os seres humanos não façam parte do circuito, ela poderia perfeitamente nos incluir, caso quisesse.

No nosso bote, ainda impactados pela beleza e pela força daquele animal de mais de 120 kg, com uma força mandibular de mais de 150 kg, observávamos os sinais de que ela alternava entre o sono e a preguiça, sem demonstrar o menor desconforto com a presença de mais de uma centena de pares de olhos, que a ob-

servavam simultaneamente, como se todos estivessemos magnetizados por aquela oportunidade.

Os observadores, quase em uma coreografia organizada, disparavam o obturador das câmeras fotográficas ao mesmo tempo, ao seu mais leve movimento sobre o tronco de uma árvore caída bem próxima do corixo. Ficamos cerca de duas horas diante dela, em silêncio, até que ela resolveu se levantar e deixar a cena.

Ao longo do dia, passeamos de barco pelos Rios Cuiabá, Piquiri e Três Irmãos. Também exploramos lindos corixos, como o Corixo da Ilha, o São Pedrinho, o Corixo Negro, e o próprio Rio São Lourenço. Atravessamos aguapés e camalotes, observamos revoadas de aves e encontramos diversos animais terrestres.

Para coroar a aventura, fomos brindados não apenas com a observação da Medrosa – a onça-pintada que vimos sobre o tronco pela manhã –, mas também com a Marcela, nadando, a Kayvera, avistada no mato e mais tarde deitada no barranco, e o Pantaneiro, que estava na praia e depois entrou na água, diante de nós.

Ali todos os indivíduos têm nome. A identificação é feita principalmente pelo padrão único de suas manchas, chamadas rosetas. Assim como uma impressão digital é única, o desenho no corpo de cada animal também é exclusivo, o que

Ao lado, encontros com jacarés e macacos-bugios ao longo da jornada fluvial. Na página ao lado, observação da onça-pintada, a principal atração do Pantanal



permite aos pesquisadores catalogar, reconhecer e monitorar cada um deles.

Existem também as onças-pretas (ou panteras-negras), embora elas não sejam encontradas nessa região. É importante saber que, na verdade, são indivíduos melânicos e que também possuem o padrão de rosetas, visível apenas sob uma luz adequada. Outra curiosidade é que o leopardo-africano apresenta na pelagem um padrão diferente e de fácil reconhecimento. Ao contrário das onças-pintadas brasileiras, ele não tem uma pinta no interior das rosetas.

INVERNO PANTANEIRO

Voltamos ao barco para almoçar e esperar que o dia refrescasse um pouco, já que a temperatura média – considerando que a viagem aconteceu durante o inverno – variava entre 27 e 30 °C. Todas as tardes, voltávamos ao bote para uma nova excursão pelo rio e pelos corixos.

O dia foi repleto de sons e avistamentos de pássaros: registramos 66 espécies de aves pela manhã e outras 44 à tarde. Depois do jantar no barco, o nosso guia conversava com os passageiros, compartilhando curiosidades sobre a biologia local. À noite, o céu escuro, livre da iluminação das cidades, nos brindava com uma imensidão de estrelas.

Ao lembrar dos três barcos que haviam atrapalhado a nossa observação na véspera, embarcamos no bote *Coração Pantaneiro* 15 minutos mais cedo na manhã seguinte e seguimos rumo ao Corixo Negro. O dia ainda não havia clareado, e ver a luz do Sol pintar o céu com tons intensos de laranja foi um



Grandes
revoadas de
cegonhas, garças
e coelhos
planam sobre
áreas alagadas,
corixos e vazantes
no Pantanal





presente que recebemos. Quando chegamos ao ponto onde a onça estava no dia anterior, ela já não se encontrava ali. Ao longo do dia, porém, vimos outras, identificadas como Makala, Jaju, Kayvera e Baguá. Avistamos 78 espécies de aves pela manhã e outras 45 durante a tarde. No Pantanal, só não vemos muitas aves durante o dia se estivermos de olhos fechados.

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Seguimos nossa navegação fluvial a bordo do *Akaia*, rumo a Corumbá, até alcançarmos o Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense. Pelo caminho, muitos reflexos na água e revoadas de garças e colhereiros nos faziam sentir parte de uma natureza exuberante.

Ao nos aproximarmos da Serra do Amolar, a paisagem mudou, e nos deparamos com a majestosa e remota cadeia de montanhas localizada na borda oeste do Pantanal. Com cerca de 80 km de extensão, a serra fica na divisa entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, próxima à fronteira com a Bolívia, e possui picos que chegam a quase 1.000 m de altura.

Era o terceiro dia da nossa jornada, e a programação seria diferente. Logo cedo, desembarcamos e caminhamos por 3 km em uma trilha na Reserva Acurizal.

Diferentemente dos outros dias, quando observávamos a natureza a partir do rio, naquele momento olhávamos o rio a partir da terra. Conectamo-nos com a natureza regional em terra firme e ouvimos as explicações de uma pesquisadora. Ela utilizava os levantamentos da equipe local como base para as atividades dos Programas de Conservação da Natureza.

Caminhamos pela trilha do macaco zogue-zogue e conseguimos avistá-lo, embora o encontro tenha sido muito rápido. A trilha, além de oferecer possibilidades de muitos avistamentos, apresenta uma grande densidade de cipós, de formatos bastante inusitados.

Na barra do Rio São Lourenço, visitamos o projeto Renascer Pantanal, onde é desenvolvido um artesanato à base da fibra do aguapé. O material é trançado por artesãos ribei-

Acima, a Serra do Amolar emoldura o encontro das águas marrons do Rio São Lourenço com as águas escuras do Rio Paraguai. Na página ao lado, algumas dentre as mais de 600 espécies de aves do bioma





Grande parte dos turistas vai ao Pantanal para ver onças-pintadas. Na prática, porém, não é essa a experiência que mais nos toca profundamente. Ao contabilizar os 700 km de navegação pelos rios e os 170 km percorridos de bote, durante os quais observamos sete onças-pintadas diferentes e 152 espécies de aves, além de toda a rica fauna pantaneira, concluo que o último dia dessa imersão foi, para mim, o maior destaque. Durante essa parada a bordo do *Coração Pantaneiro*, não estávamos sozinhos. Aguias, vitória-régias entre camalotes, diversos peixes, de cores e formatos diferentes, e uma raia nos saudaram. Um improvável casal de araras-azuis cruzou o céu, enquanto uma família de bugios nos observava de uma grande árvore.

Percorremos o Rio Paraguai-Mirim e o Rio Taquari. Pude mergulhar em suas águas cristalinas e admirar o Pantanal em todo o seu esplendor. Foi impossível resistir a um mergulho inesquecível em um dos lugares mais remotos e bonitos do Brasil. [@pantanalrivercruise](#)

rinhas, que, dessa forma, promovem o desenvolvimento econômico local e preservam as tradições culturais. Durante o almoço, a bordo e imersos na paisagem observada no terraço do barco, fomos surpreendidos pelo encontro das águas no Pantanal: o Rio São Lourenço, de águas marrons e carregadas de sedimentos, encontrava-se com as águas escuras do Rio Paraguai.

Ao fundo, a emblemática Serra do Amolar emoldurava um cenário digno de cartão-postal. A cadeia de morros, com cerca de 80 km de extensão, está localizada no norte do Pantanal, na divisa entre Mato Grosso do Sul (na altura de Corumbá) e Mato Grosso, próxima à fronteira com a Bolívia. Tivemos a oportunidade de visitar uma região de difícil acesso e conhecer a sede do Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense, uma unidade de conservação administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O parque tem como objetivo proteger uma área de grande riqueza ecológica, considerada Patrimônio Natural Mundial pela UNESCO.

O Pantanal apresenta uma extrema fragilidade e é suscetível a queimadas severas e incêndios de grandes proporções. Naquela região, o solo acumula antigas camadas de matéria orgânica, que ao secar mantém brasas ocultas difíceis de extinguir. Com a escassez de chuva, descargas elétricas durante tempestades secas podem iniciar focos de incêndio de forma espontânea, o uso irregular do fogo para renovar pastagens e as queimadas, autorizadas ou não, muitas vezes fogem do controle devido a ventos fortes e à falta de aceiros adequados. Por isso, o monitoramento constante e a agilidade na contenção do fogo são imprescindíveis.

Percorremos 40 km de barco até a Lagoa Gaíva, em Corumbá, onde vimos magníficos desenhos rupestres – petroglifos cuja datação, entretanto, ainda não é conhecida.

Depois do almoço no barco, fizemos um safári fluvial próximo à sede do Parque Nacional do Pantanal. O entardecer foi de tirar o fôlego, diante de tanta beleza. Jantamos enquanto a jornada continuava rio abaixo, agora navegando pelo Rio Paraguai.

Ao lado, as artesãs usam seus saberes ancestrais para a produção com fibras de aguapé. Na página ao lado, cestos oriundos do trabalho das mulheres da Associação Renascer de Artesãs Pantaneiras



ARTE

Dublin em Estado de Arte

*Muito além da literatura que a consagrou,
a capital da Irlanda reúne museus de classe mundial,
teatros históricos, bairros criativos e uma cena
artística que a confirma como um dos destinos
culturais mais interessantes da Europa*

POR ERIK SADAQ





Acima, o Bord Gáis Energy Theatre. Na página ao lado, vista da área renovada dos Docklands

Por décadas, Dublin foi apresentada ao mundo por meio de seus escritores. As ruas georgianas da capital irlandesa ainda carregam as marcas de Oscar Wilde, James Joyce, W. B. Yeats e Samuel Beckett, enquanto bibliotecas centenárias, livrarias independentes e *pubs* históricos alimentam uma das tradições literárias mais ricas da Europa.

Nas últimas décadas, a cidade encontrou uma nova linguagem. Sem abandonar sua herança intelectual, ela se consolidou como um dos principais polos europeus de tecnologia e economia criativa, uma transformação que impulsionou uma notável renovação cultural. Hoje teatros, grandes coleções de arte, museus contemporâneos, bairros artísticos e uma arquitetura que dialoga com o passado e o futuro fazem de Dublin uma das cenas mais vibrantes da Europa.

UMA PEQUENA WEST END ÀS MARGENS DO LIFFEY

O teatro talvez seja o melhor retrato da transformação de Dublin. Em menor escala, a cidade faz um paralelo com o West End londrino, combinando grandes produções internacionais com uma tradição dramática profundamente ligada à identidade irlandesa. O principal símbolo dessa nova fase é o Bord Gáis Energy Theatre, nos Docklands. Projetado por Daniel Libeskind, o edifício se tornou um ícone da revitalização da região e consolidou Dublin no circuito europeu dos grandes musicais, recebendo produções da Broadway e do West End.

Seguindo o Rio Liffey em direção ao centro histórico, surgem as raízes do teatro irlandês. O Abbey Theatre, fundado em 1904 por W. B. Yeats e *lady* Gregory, ajudou a moldar a identidade cultural do país. A pou-

cos minutos dali, o Gate Theatre é uma referência em montagens clássicas e contemporâneas, enquanto o histórico Gaiety Theatre, inaugurado em 1871, continua a receber musicais, óperas, balés e concertos.

Percorrer esses palcos é acompanhar a evolução cultural de Dublin. Mais do que uma alternativa ao West End, a cidade oferece uma experiência teatral própria, intimista e profundamente conectada à cultura irlandesa.

COLEÇÕES QUE CONTAM A HISTÓRIA DA EUROPA

Estive em Dublin pela primeira vez há muitos anos, quando era estudante na vizinha Galway. Lembro de caminhar pela cidade quase sem roteiro, entrando em museus e descobrindo coleções que jamais imaginava haver na Irlanda. Ao revisita-las, percebi que Dublin não é apenas a cidade de Joyce e Yeats, mas também um dos grandes destinos europeus para as artes visuais.

A National Gallery of Ireland reúne mais de 17 mil obras, que percorrem sete séculos de arte. Caravaggio, Rubens, Vermeer, Velázquez, Goya, Turner, Monet e Picasso dividem espaço com artistas irlandeses, especialmente Jack B. Yeats.

A visita teve um significado especial. Depois de

acompanhar importantes retrospectivas de Vermeer e Caravaggio em Amsterdam e Roma, reencontrei em Dublin o único Vermeer da Irlanda, *Woman Writing a Letter with Her Maid*, e *The Taking of Christ*, redescoberta na cidade na década 1990. Longe das multidões, a experiência reforçou a convicção de que algumas das coleções mais extraordinárias da Europa estão justamente nos destinos menos óbvios.

A poucos minutos dali, o Museu Nacional percorre 5 mil anos da história da ilha por meio de joias celtas, espadas da Idade do Bronze, objetos litúrgicos e os impressionantes corpos preservados nas turfeiras, revelando o papel da Irlanda na preservação do conhecimento durante a Idade Média.

Seguindo alguns quarteirões, a Chester Beatty reúne manuscritos islâmicos iluminados, pergaminhos chineses, pinturas japonesas, papiros egípcios e livros raros. Uma coleção que celebra o encontro entre culturas e confirma que, apesar de suas dimensões, Dublin abriga alguns dos mais notáveis acervos artísticos da Europa.

ENTRE BACON E O FUTURO

Se a história ocupa um lugar de destaque, a arte contemporânea revela uma Dublin permanente-



Nesta página, de cima para baixo, área da National Gallery of Ireland e a obra *A Prisão de Cristo*, de Caravaggio, no mesmo museu

mente voltada para o futuro. Depois de anos, dirigi novamente na mão-inglesa para descobrir o Irish Museum of Modern Art (Imma), o principal museu de arte contemporânea da Irlanda. Instalado em um edifício do século XVII, onde funcionou um hospital, o Imma reúne milhares de obras produzidas desde os anos 1940, incluindo nomes fundamentais, como Marina Abramovic, Lucian Freud, Sean Scully e Dorothy Cross, além de exposições temporárias voltadas aos grandes debates da produção artística contemporânea.

Antes de entrar nas galerias, passei um bom tempo percorrendo o jardim de esculturas, onde obras contemporâneas dialogam com a arquitetura clássica do antigo hospital e sua paisagem. Frequentados por moradores, estudantes e visitantes, ambos revelam uma das maiores qualidades do Imma: um museu que faz parte da cidade, sofisticado, mas sem excessos, criativo e profundamente conectado ao cotidiano de Dublin.

Outra visita indispensável é à Hugh Lane Gallery, responsável por preservar o estúdio completo de Francis Bacon, um dos artistas que mais marcaram a minha formação. As figuras distorcidas e os trípti-



Em sentido horário, o caos do ateliê de Francis Bacon replicado na Hugh Lane Gallery, a obra *Figura Sentada e Carpete*, de Francis Bacon, e fachada da Hugh Lane Gallery



Teatros, grandes coleções de arte, museus contemporâneos, bairros criativos e uma arquitetura que dialoga entre passado e futuro marcam a cena de Dublin

Acima, um concerto no Imma. Na página ao lado, movimento no centro antigo de Dublin e o lendário Temple Bar, que dá nome ao bairro

cos monumentais, marcas registradas de Bacon, carregados de uma intensidade quase brutal, ocupam um lugar indiscutível na história da arte do século XX. Curiosamente, sua pintura nunca pareceu tão atual. Nas últimas décadas, uma nova geração de artistas voltou a explorar a potência da figura humana, o corpo fragmentado e a carga psicológica da pintura. Nomes como Adrian Ghenie, Jenny Saville e Cecily Brown dialogam, cada um à sua maneira, com o legado deixado por Bacon e por Lucian Freud, reafirmando a força da pintura figurativa em plena era digital.

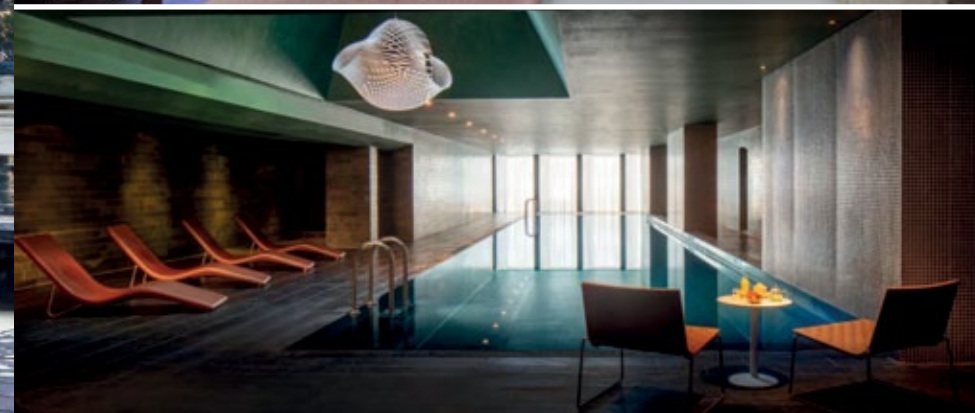
Em Dublin, porém, o reencontro acontece de forma completamente diferente. Em vez das telas, é possível entrar em seu universo criativo. O ateliê foi transferido peça por peça de Londres para a Hugh Lane Gallery*, preservando mais de 7 mil objetos exatamente como Bacon os deixou. A experiência é quase arqueológica. Em vez de contemplar a obra acabada, acompanham-se os vestígios do pensamento do artista, compreendendo referências, obsessões e experimentações que deram origem a algumas das pinturas mais inquietantes do século passado. Para quem admira Francis Bacon, poucos lugares do mundo oferecem uma aproximação tão íntima com o seu processo criativo, em meio ao aparente caos de seu estúdio.

** A Hugh Lane Gallery passará por um amplo processo de renovação e permanecerá fechada até 2028. Durante esse período, parte da coleção pode ser visitada em outras galerias e museus da cidade ou por meio de visitas virtuais, disponibilizadas pelo museu.*





Acima, entrada do Irish Institute Film e o Jardim da Lembrança, na Praça Parnell, em Dublin



Anantara The Marker Dublin Hotel

Localizado nos Docklands, o bairro que melhor representa a transformação urbana da cidade nas últimas décadas, o hotel coloca o visitante a poucos minutos de alguns dos principais teatros, museus, galerias e restaurantes. Mais do que uma excelente localização, o hotel oferece uma oportunidade de experimentar Dublin da mesma forma que ela se reinventa: conectando patrimônio histórico, criatividade, arquitetura, gastronomia e arte contemporânea.

A CIDADE COMO GALERIA

Ao longo do Liffey, esculturas e instalações dialogam naturalmente com a arquitetura ao redor. O Spire, na O'Connell Street, tornou-se um dos novos símbolos de Dublin, enquanto bairros como Smithfield, Temple Bar e Docklands concentram galerias, estúdios, arte urbana e pequenos centros culturais, que mantêm viva a produção local. Em uma caminhada pelos Docklands, encontro a melhor tradução da transformação de Dublin. Antigos armazéns portuários deram lugar a edifícios contemporâneos, que hoje abrigam sedes de unicórnios de tecnologia, cafés, espaços de *coworking* e uma expressiva coleção de arte pública, que compõem uma paisagem de reinvenção da cidade.

Se os Docklands representam a Dublin voltada para o futuro, o Temple Bar continua sendo seu coração cultural. Internacionalmente conhecido pelos pubs e pela atmosfera festiva, o bairro, localizado no sudoeste do Rio Liffey, batizado a partir de seu mais famoso pub, é há décadas o epicentro da animada vida noturna irlandesa.

Mas basta me afastar das ruas mais movimen-

tadas para descobrir outro lado do distrito. Entre vielas de paralelepípedos, encontro instituições fundamentais para a cultura irlandesa, como o Irish Film Institute e o Project Arts Centre, além de galerias independentes, livrarias, ateliês, mercados e músicos de rua, que alimentam diariamente sua efervescência criativa. Sinto que pisei em uma Dublin onde a tradição e a contemporaneidade convivem de forma espontânea. O Temple Bar é muito mais do que um endereço para um obrigatório *pint* de Guinness. Trata-se de um dos maiores símbolos da vida cultural irlandesa.

Voltei de Dublin com a sensação de que a cidade dos escritores continua tão viva quanto da primeira vez em que a visitei. Mas hoje ela divide o protagonismo com as novas gerações, que aprenderam a transformar antigos portos em bairros criativos, hospitais em museus de arte contemporânea, teatros centenários em espaços de experimentação e suas ruas em uma galeria a céu aberto. Poucas cidades conseguem integrar arte, arquitetura, literatura e inovação de maneira tão natural. Em Dublin, a cultura faz parte da vida cotidiana e continua sendo escrita todos os dias. 📍



CULTURA

O RIO DAS HISTÓRIAS

Navegar pelo Rio Magdalena é descobrir cantos remotos e quase intocados da Colômbia. Tão extraordinários quanto uma obra de ficção

POR MARI CAMPOS



Acima, os clássicos vendedores de frutas do centro histórico de Cartagena. Na página ao lado, a fachada da Igreja de San Pedro Claver, na mesma cidade

D

e repente, não há mais rio no horizonte. Da varanda, nada à vista. Todo amanhecer, o rio desaparece pouco antes de o Sol levantar. A proa do navio parece ser engolida por uma névoa espessa, acinzentada, quase leitosa, como se adentrasse uma obra do realismo fantástico de Gabriel García Márquez.

Pouco a pouco, com os primeiros raios de sol tocando a água, silhuetas começam devagarinho a dar as caras por entre a bruma. Primeiro a copa das árvores, depois um martim-pescador sobre um toco de madeira, garças em voo rasante e uma canoa solitária.

Nesse breve intervalo do amanhecer no Vale do Magdalena, um dos rios mais importantes da América do Sul e outrora a grande artéria comercial da

Colômbia, fica mais fácil entender de onde o mais famoso escritor do país trouxe o seu olhar. Não por acaso, o rio aparece com frequência em suas obras, em especial em *O Amor nos Tempos do Cólera*.

Ao longo do dia, a vida pulsa no rio, o tempo todo. É pela água que chegam as compras, as visitas e até a ambulância. Casas sobre palafitas aparecem em uma das margens, peões conduzem grandes boiadas de outro lado. Crianças correm às margens e acenam entusiasmadas quando veem o navio passar.

Um grande rebanho de búfalos-d'água cruza o rio diante da embarcação, sem a menor cerimônia. Pescadores executam o preciso balé de lançar e recolher, com movimentos giratórios, grandes redes em direção à água. Há ainda martins-pescadores aos montes, garças em plena coreografia aérea e enormes iguanas descansando em troncos.





Talvez poucos lugares do mundo continuem contando histórias com tanta naturalidade – e certa dose de magia, é claro – quanto o Rio Magdalena. Pelas rotas por onde circularam nativos, conquistadores espanhóis, missionários, escritores, músicos, comerciantes e revolucionários, há tradições musicais, histórias de resistência cultural e paisagens que desafiam os estereótipos frequentemente associados ao país.

Foi justo esse rio, de personagens improváveis e acontecimentos extraordinários nas obras de García Marquez, que a AmaWaterways escolheu para colocar em prática os primeiros cruzeiros fluviais do país: *AmaMelodia* e *AmaMagdalena*, com capacidade para apenas seis dezenas de viajantes, cada um, percorrem um de seus trechos mais bonitos, marcado também por canais históricos, entre as cidades de Barranquilla e Cartagena, em sete noites.

RIO DA MEMÓRIA

A viagem revela uma Colômbia que não costuma aparecer nos cartões-postais. Polos turísticos ficam restritos apenas aos pontos de partida e chegada. É justamente em tudo o que se desenrola entre Barranquilla e Cartagena que reside a magia de navegar o Magdalena.

Das “mil cores” de Usiacurí (famosa também pelo artesanato de palha) aos riquixás que circulam ao redor do grande mercado de Calamar, das ruas de terra batida e produtores de fumo de Santa Bárbara de Pinto (onde a música continua sendo também uma linguagem cotidiana) à emocionante San Basilio de Palenque, com seu dialeto próprio (fundada por ex-escravos, foi a primeira comunidade africana livre das Américas, hoje tombada pela UNESCO), cada vilarejo do mais longo rio da Colômbia descortina perspectivas diferentes sobre a história e a cultura do país.

Acima, comércio de abacaxi às margens do Magdalena em Mompox. Na página ao lado, a cidade amuralhada de Cartagena e mural no colorido bairro boêmio Getsêmani, em Cartagena



A paisagem muda com constância, das amplas extensões de água marcada por vegetação nativa exuberante aos trechos mais estreitos dos canais. No leito e nas margens, memórias e tradições são conectadas por mais de 540 km, cortando poeticamente a Colômbia até encontrar o Mar do Caribe.

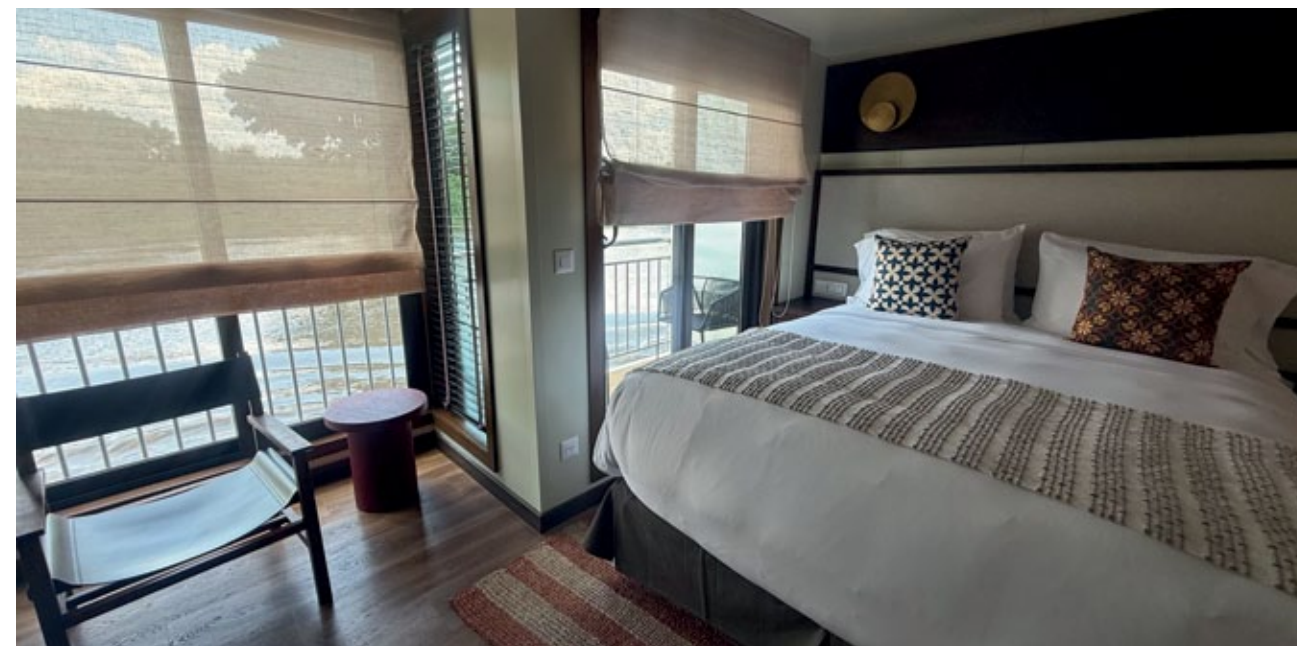
A bordo do *AmaMelodia*, chegamos a comunidades que só há pouco tempo começaram a receber visitantes, em encontros genuínos, de autenticidade impressionante e, vira e mexe, marcados por tambores, danças e canções que narram alegrias, batalhas, perdas e amores.

Há sempre pássaros à vista, muitos, e dos mais diversos tamanhos e cores: a Colômbia reúne a maior biodiversidade de aves do planeta (são mais de 1,9 mil espécies!) e o rio oferece a melhor oportunidade para observá-las com tranquilidade e fartura.

Cheio de vida durante o dia, à noite o rio é marcado pelo silêncio e pela escuridão. A temperatura ainda é alta, assim como a umidade, sempre elevada. O céu se enche maravilhosamente de estrelas, constelações e nebulosas, e nossos olhos continuam voltados para o lado de fora.

As belas *palenqueras*
que se converteram
em símbolo do país





Acima, cabine com varanda dupla do *AmaMelodia*. Na página ao lado, apresentações folclóricas e as cidades coloridas ao longo do itinerário

e todos os *tours* (que podem ser em barco, à pé ou de riquixá) são feitos em parceria com moradores locais – e estão sempre incluídos na tarifa do cruzeiro.

Com tom intimista e informal, a viagem acontece em estilo de expedição. O luxo ali não está no navio, e sim do lado de fora, chegando a cantinhos remotos e de natureza ainda intocada. A maior parte do tempo a bordo é passada nas varandas ou no deque superior, aberto e com distintos *lounges*, contemplando a vida no rio.

Ao final da viagem, o navio atraca diante da amuralhada e colorida Cartagena – com bem-vindas extensões oferecidas para alguns dias em terra firme no belo Sofitel Legend Santa Clara Cartagena, o mais icônico hotel colombiano, e no Sofitel Barú Cartagena, debruçado sobre as belas praias do Caribe. Mas essa... essa é outra história. 📍

MOMPOX HIGH

É preciso deixar claro que nenhuma, nenhuma escala da viagem é capaz de encantar mais nessa jornada que a adorável Mompox. Não por acaso, o vilarejo que teria inspirado García Marquez a criar a Macondo de *Cem Anos de Solidão*, é o único destino da viagem que conta com dois pernoites, com o navio ancorado em pleno centrinho.

O *AmaMelodia* atracou no cair da tarde, com a luz dourada do Sol caindo sem pudores sobre o rio e os casarões. O magnetismo foi imediato, e foi impossível não desembarcar, mesmo que não houvesse nenhum passeio programado pelo *staff*.

Logo descobri que caminhar pelas ruelas e calçadas irregulares de Mompox, por onde passam inúmeros *tuk-tuks*, motocicletas com três pessoas e bicicletas, é como atravessar uma fronteira temporal invisível. Fundada no século XVI, ela preserva um dos conjuntos coloniais mais extraordinários da América Latina e teve um papel importante durante o domínio espanhol e as guerras de independência.

Até hoje, com cerca de 60 mil habitantes, é tomada por encantadoras e multicoloridas fachadas coloniais, igrejas centenárias e buganvílias pregui-

çosamente esparramadas sobre os muros. Os visitantes são sempre a minoria absoluta.

Mompox é tão peculiar que parece ser regida por um ritmo próprio, lento, de falas arrastadas, marcado pelo badalar de sinos das igrejas. Resiste firme aos clichês. Faz tanto calor (prepare-se para suar muito, dia e noite) que ali até as pás dos ventiladores parecem se mover mais devagar. Esse efeito, que deixa as memórias da cidade quase enevoadas na nossa, ganhou um apelido divertido: *mompox high*, uma espécie de transe, que parece acometer quem desembarcar ali.

Crianças correm despreocupadas, moradores ocupam praças e calçadas com cadeiras e leques, oficinas de filigrana produzem joias com técnicas transmitidas por gerações. Há oferta de queijo caseiro e suco de *corozo* (uma frutinha vermelha comum na região) em toda parte. Mas não há multidões, vitrines chamativas e vendedores insistentes.

Ali a minha noção de tempo também mudou. Até porque Santa Cruz de Mompox é simplesmente indiferente à nossa obsessão contemporânea pela velocidade.

A tripulação do *AmaMelodia* é 100% colombiana



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPORTE

A Cavalo pelo Fim do Mundo

*Em uma expedição pelo remoto Vale do Chubut, na Patagônia
argentina, a descoberta de modos de vida ancestrais,
cavalgadas por territórios intocados e a vivência de uma
profunda reconexão com a natureza*

TEXTO VERENA MATZEN
FOTOS SOLEDAD MENDONZA





Acima, vista do Vale do Chubut, onde ficam o lodge e os yurts de hospedagem. Na página ao lado, as formações rochosas que marcam o vale



Gosto de me definir como uma pintora que viaja a cavalo. É dessa forma, com o meu olhar de artista, que escolho sentir e vivenciar as cavalgadas que faço pelo mundo. Trata-se de uma paixão de infância. Monto desde que me entendo por gente, e é sobre a sela de um cavalo que me sinto mais livre, plena e verdadeiramente conectada à natureza.

Dessa vez, minha aventura teve como cenário um dos lugares mais belos da América do Sul: a Patagônia argentina. A viagem começou em Bariloche, onde encontrei um grupo formado por oito pessoas, de diferentes partes do mundo, unidas pelo desejo de explorar destinos remotos a cavalo. Após as apresentações e uma breve incursão pela região, seguimos rumo ao sul pela lendária Ruta 40, sempre acompanhados pela presença majestosa da Cordilheira dos Andes. Três veículos de apoio da operadora Viajaracavalo, com quem cavalgo há anos, nos acompanharam até o Vale do Rio Chubut, próximo à região conhecida como Alto Chubut.

VIDA PATAGÔNICA

À medida que avançávamos, a paisagem se transformava. Árida, isolada e selvagem, essa porção pré-andina da Patagônia parecia feita para ser percorrida a cavalo. Jacira Omena, fundadora da Viajaracavalo, mantém há anos uma parceria com moradores locais, ovelheiros que preservam um modo de vida cada vez mais raro. Eles vivem cercados por cavalos soltos, ovelhas, cervos e oito *border collies*. Logo na chegada, fui recebida por uma pequena cerva órfã, de cerca de 5 meses, resgatada ainda filhote e adotada pela família. Dócil

e afetuosa, ela transitava pela propriedade como se sempre tivesse pertencido ao lugar.

A família que nos acolheu no vale vive sem energia elétrica e sem internet, em um cotidiano simples e profundamente conectado ao território. Mais do que anfitriões generosos, todos são guardiões de saberes ancestrais ligados ao povo Mapuche. A proprietária da estância é reconhecida na região como uma espécie de xamã, e a convivência com seus descendentes acrescentou uma dimensão cultural preciosa à viagem. Ali as tradições mapuches e gaúchas coexistem, em um mosaico vivo de histórias, crenças e modos de vida.

Nossa chegada foi celebrada com um jantar farto à mesa da família, preparado com ingredientes locais, seguido por uma noite estrelada impossível de esquecer. Depois da refeição, seguimos para nossas acomodações. O conceito de *glamping* ganhava ali uma interpretação charmosa: o pernoite acontecia em tendas do tipo *yurt*, inspiradas em habitações tradicionais dos povos nômades da Ásia Central. Adaptadas ao ambiente patagônico, elas contavam com teto translúcido para a observação do céu, la-

reira, edredons de plumas e uma decoração artesanal sofisticada. Rústicas sem abrir mão do conforto, proporcionavam a sensação de se habitar temporariamente outra época. Começava ali uma jornada de cinco dias de cavalgadas inesquecíveis.

BELEZA SELVAGEM

A manhã seguinte começou com os aromas da cozinha: pão recém-assado, mate argentino e uma hospitalidade calorosa. Por volta das 10 horas, montamos. Os cavalos, em sua maioria crioulos com cruzamentos selecionados, mostraram-se seguros, resistentes e adaptados ao terreno.

No primeiro dia, percorremos o curso do Rio Chubut por cerca de quatro horas. O isolamento era absoluto. Apenas o som da água acompanhava nosso avanço até um pequeno povoado habitado por descendentes de mapuches. O encontro proporcionou uma rara aproximação com os costumes e o cotidiano da região.

Durante toda a expedição, contamos com o apoio da equipe local e de dois gaúchos, responsáveis pela logística, pelos lanches e pelas refeições. Os cães da

Árida, isolada e selvagem, essa região pré-andina da Patagonia é perfeita para ser desbravada a cavalo

estância também nos acompanhavam, acrescentando ainda mais personalidade à experiência.

Após mais uma noite aconchegante nas *yurts*, iniciamos a subida das montanhas. O percurso exigia mais dos cavaleiros, com trechos íngremes e terrenos acidentados. À medida que ganhávamos altitude, a vegetação se modificava e as vistas se tornavam cada vez mais amplas. Acima dos 1.600 m, a paisagem revelava lagoas cristalinas, outros vales profundos e uma sensação de liberdade difícil de traduzir em palavras.

Almoçamos à beira de uma dessas lagoas, com tempo para explorar o entorno. A cavalo, alcançávamos lugares inacessíveis por estrada, percorrendo trilhas preservadas em meio a uma natureza quase intocada.

Os dias seguintes transcorreram neste ritmo: cerca de seis horas diárias de montaria, sempre intercaladas por paradas que recompensavam qualquer esforço. Um dos momentos mais marcantes aconteceu durante a visita a um rancho de ovelhas no Vale de La Horqueta. Chegamos a um lugar coberto de neve e nos deparamos com uma cena onírica: cavalos selvagens corriam livres pela paisagem, enquanto o silêncio dominava tudo ao redor. Como se não bastasse, fomos surpreendidos por um autêntico assado argentino, preparado entre pedras e montanhas. A neve caía suavemente enquanto compartilhávamos a refeição.



CONDORES CURIOSOS

O retorno reservou outro momento inesquecível. Em vez de seguir pelo curso do rio, nosso guia escolheu um caminho pelas montanhas. A confiança nos cavalos precisava ser absoluta, pois fomos por caminhos estreitos, contornando desfiladeiros impressionantes.

Foi quando surgiram os condores. Pareciam intrigados com a nossa presença. Aos poucos, começaram a voar cada vez mais baixo, quase à altura de nossa cabeça. Um deles passou logo acima de mim. A envergadura monumental das asas, o colar branco ao redor do pescoço e a elegância do voo criaram uma imagem que jamais esquecerei.

Naquele instante, tive a sensação de compreender algo essencial. Conviver durante dias com os animais, conquistar sua confiança e observá-los vivendo em plena liberdade mudou a minha percepção sobre a relação entre os seres humanos e a natureza. Voltei para casa diferente: mais consciente, mais conectada e mais humilde diante da vida selvagem. Porque, no fim das contas, somos nós que dependemos deles – e não o contrário. 📍

@viajaracavalo

Acima, Verena e Jacira vencem a trilha rumo às montanhas. Na página ao lado, Verena e o cavalo *criollo* que ela montou na viagem, o *asado* argentino ao ar livre e interior de um dos *yurts*



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

BEM-ESTAR

O ENCONTRO COM O SILÊNCIO

*Como uma semana em um retiro
de wellness e mudanças de hábitos na
Califórnia podem transformar a rotina
e a saúde por meio da disciplina
e de um novo olhar sobre a vida*

POR LORENZO MARTONE





O maior luxo da vida é a sua saúde.” Era essa a frase que encerrava a carta que recebi, em agosto de 2019, do The Ranch Malibu, o refúgio escolhido para a minha primeira experiência em um retiro de bem-estar. Um dos mais prestigiados espaços de *wellness* dos Estados Unidos, ele é meticuloso em cada detalhe. A preparação começa semanas antes da chegada, com a recomendação de eliminar álcool, açúcar, cafeína, refrigerantes e tabaco da rotina e um aviso direto aos futuros hóspedes: os primeiros dias de detox podem trazer dores de cabeça, náuseas e oscilações de humor.

Há também outra dica curiosa: avisar familiares e amigos sobre a ausência de contato. Celulares e *laptops* não são confiscados no *check-in*, mas seu uso é desencorajado. A proposta é simples e radical: pausar. No mês que antecede a viagem, os hóspedes recebem orientações sobre exercícios preparatórios, ajustes na rotina de sono e práticas de meditação e *awareness*.

Confesso que achei tudo um pouco excessivo, mas bastaram poucas horas no The Ranch para entender que cada prescrição tinha uma razão. Os *hikes* somavam pelo menos 20 km por dia. O despertar acontecia de madrugada. A alimentação era integralmente baseada em vegetais, e sem cafeína, e o chamado Nobre Silêncio era esperado nos espaços comuns.

RESILIÊNCIA E DISCIPLINA

Desde o *check-in*, ficou evidente que o The Ranch combina a hospitalidade de um hotel de luxo com o rigor de uma clínica de medicina preventiva. Havia *shots* de clorofila na recepção, avaliações médicas completas e até a inspeção das bagagens para evitar “contrabandos”

gastronômicos. Segundo a equipe, não são raros os hóspedes tentando esconder leite condensado em frascos de condicionador... Tudo envolto em uma estética californiana minimalista: tons de areia, madeira clara, linhas discretas e as montanhas de Santa Mônica compoem o cenário.

Antes mesmo de receber a chave do quarto, passei por exames laboratoriais e avaliações físicas. Tudo seria repetido na saída para medir os efeitos da semana. O grupo tinha apenas 25 participantes, a capacidade máxima do retiro.

Naquela noite, sem telefone, computador ou conversas, recolhi-me cedo. Levava comigo um exemplar de *Sapiens*, de Yuval Noah Harari, imaginando que seria uma boa companhia literária para uma semana de introspecção. Descobri rapidamente que havia subestimado o cansaço, pois, nos dias seguintes, segurar um livro de mais de 500 páginas depois do jantar seria um desafio maior do que qualquer trilha.

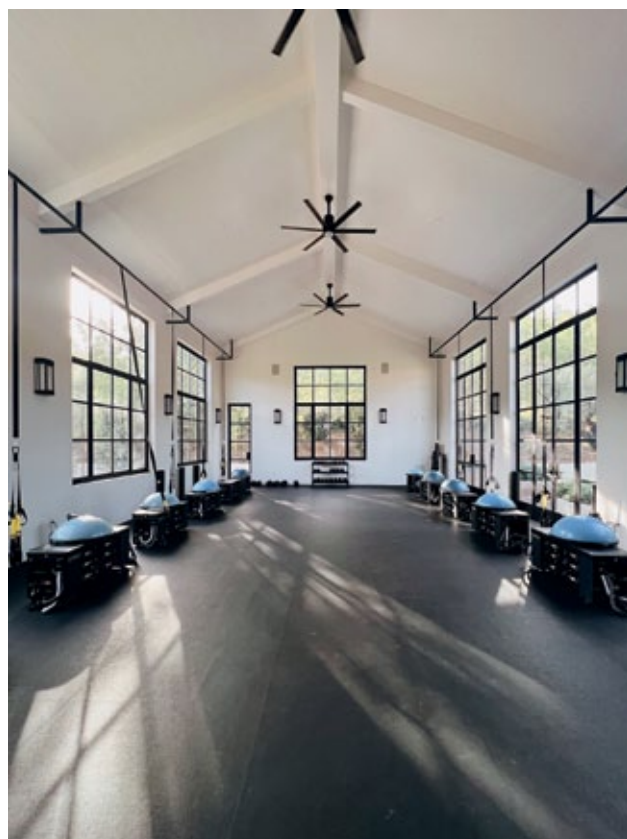
Na primeira manhã, o som delicado de um sino ecoou pela propriedade às 5 horas. O desejo

Acima, meditação à luz de velas dentro da Monk's Cave, em Koh Samui, na Tailândia, e vila do Kalamaya. Na página ao lado, *hike* pelas trilhas de Santa Monica Mountains





Área ao ar livre do Kalamaya, com lindas vistas para o mar, e sala de musculação e condicionamento físico do The Ranch Malibu



era leve. O café preto, inexistente. A política de *no coffee* talvez tenha sido o meu maior desafio. Vieram as dores de cabeça, a irritabilidade e a sensação incômoda de um corpo aprendendo novos hábitos. Um integrante da equipe resumiu a experiência em uma frase, que não esqueço: “É menos sobre a cafeína e mais sobre a disciplina”. No momento, detestei ouvi-la. Hoje percebo que ele tinha razão.

O programa inteiro gira em torno desta ideia: as mudanças profundas exigem uma nova relação com a disciplina. Ainda mantenho pequenos rituais aprendidos ali, como fazer a cama todas as manhãs e praticar períodos de jejum. São gestos simples, mas funcionam como lembretes silenciosos de que a disciplina também é um músculo – e precisa ser exercitado.

EU E EU MESMO...

As caminhadas eram fantásticas. Não só pelas vistas de Malibu, com o mar de um lado, a montanha do outro, mas também por estar conectado comigo mesmo por tanto tempo. Harmonizar meus pensamentos com meus movimentos. Prestar atenção na respiração. Perceber como cada músculo e cada nervo trabalham em conjunto. Os pensamentos vinham em ondas, algumas suaves, algumas turbulentas, algumas quase como um tsunami.



A idílica propriedade do Spirit of Rock, na Califórnia

Durante a semana, comecei a notar que não só estava me sentindo melhor fisicamente, mas me conhecendo mais. Foi quase como desenvolver uma nova amizade, só que comigo mesmo, com o meu corpo.

Nas massagens e tratamentos da tarde, aprendi a arte do permitir. Com o passar dos dias, meu corpo parecia aprender a receber a pressão e os movimentos de forma diferente. Até minha relação com a comida mudou. Sentia meu corpo absorvendo os nutrientes. Ao final, surgiu o sentimento de conquista. Os exames mostraram a prova dos esforços: perdi 4 kg, o colesterol baixou e alcancei vários outros indicadores positivos.

Confesso que fiquei impressionado por como sete dias tiveram tanto efeito tangível no meu corpo. O verdadeiro ganho, porém, não foi físico. Foi na alma. Comecei a entender o poder de estar presente. Comecei a entender que não somos nossos pensamentos, já que consegui passar a observá-los como em terceira pessoa. Entendi que, se eu tivesse como prioridade estar bem, faria escolhas melhores. Foi a partir desse momento que o *wellness* passou de uma *trend* para uma filosofia de vida. É a saúde preventiva. É a longevidade. Foi assim que comecei a perceber que cuidar de mim dessa maneira era também uma forma de ativismo sutil, algo que, cinco anos depois,

seria o catalisador da minha mudança de carreira.

Costumo brincar que já fui “the king of the night” e hoje sou “the king of having a good night”. Os retiros foram um potencializador para as minhas mudanças de hábitos e de vida. Viver no silêncio é cura. Desde o Ranch, já participei de dezenas de retiros. Sem telefone, sem TV e computador, sem livros e, em alguns casos, sem poder falar com ninguém, a única saída é buscar o encontro consigo mesmo, olhar para dentro e (re)criar uma relação de intimidade com o corpo e a alma.

O SILÊNCIO COMO PRÁTICA

Robert Chubrich, filantropo e investidor norte-americano, voltou ao Spirit Rock, na Califórnia, três vezes em uma década. Não por insatisfação com a experiência anterior, mas pela consciência de que o silêncio não é um destino. É uma prática. “Os retiros são a base que integra todas as outras modalidades de cura que faço. Voltar é uma forma de aprofundar o autoconhecimento e honrar tudo aquilo a que tive acesso.” Também destaque entre os hóspedes ilustres e as pessoas que buscam mudanças reais na vida, o Spirit Rock, localizado em Woodacre, segue o protocolo Vipassana: dez dias de Nobre Silêncio, que envolve não apenas deixar



Acima, vista da propriedade que abriga o Kalamaya e, abaixo, sala de meditação coletiva do Spirit of Rock. Na página ao lado, estátua de Buda no Spirit of Rock, ritual de som no mesmo retiro e hóspede contemplando o lugar



de falar, mas aquietar também a mente e os estímulos externos.

Robert conta que o momento mais difícil acontece poucas horas depois de entregar o telefone no *check-in*. Surge uma inquietação quase física: a garganta parece coçar e a vontade de falar se torna irresistível. Com o passar dos dias, porém, o silêncio deixa de ser ausência e passa a ocupar um espaço inesperado. “As refeições viraram o acontecimento do dia. Eu chegava a contar os grãos de quinoa no prato.”

O que ele trouxe de Woodacre não foi a paz no sentido vago da palavra, mas um hábito. Inspirado na meditação Metta, ele passou a substituir os julgamentos automáticos por uma breve oração de gentileza, especialmente no lugar onde menos imaginava precisar dela: o trânsito de Los Angeles. “‘May you be well. May you be happy’. Essa prática tem me ajudado a não desregular o meu sistema nervoso por qualquer coisa”, afirma.

Ele faz apenas uma ressalva: os retiros longos não são para todos. “Nem todo trauma está pronto para embarcar em dez dias de silêncio. Para algumas pessoas, isso pode até atrapalhar o processo terapêutico. Vale experimentar o Nobre Silêncio, mas em doses homeopáticas. Você descobre aspectos de si que talvez nunca tenha observado.”



O QUE A CIÊNCIA CONFIRMA

Estudos científicos vêm demonstrando que o silêncio produz efeitos mensuráveis sobre o corpo e o cérebro. Eles apontam a redução da pressão arterial e dos níveis de estresse, além de benefícios para regiões ligadas à memória, ao aprendizado e à neuroplasticidade.

Para o neurocientista Michel Le Van Quyen, autor de *Cérebro e Silêncio*, existem duas formas igualmente importantes de silêncio: a exterior (marcada pela ausência de ruído) e a interior (quando o fluxo incessante de pensamentos começa a desacelerar). É nesse espaço, segundo ele, que o cérebro encontra condições para se reorganizar e recuperar a energia.

UM GUIA PARA DESACELERAR

Há lugares em que o silêncio não é um detalhe da experiência, mas a sua própria razão de existir.

Eremito / Úmbria, Itália

Instalado em um mosteiro do século XIV, cercado por 3 mil hectares de natureza preservada, ele dispensa *wi-fi*, televisão e sinal de celular. À noite, o jantar é servido à luz de velas, em um silêncio absoluto, enquanto cantos gregorianos ecoam pelo refeitório. Como resumem os proprietários: “Antes o silêncio era um luxo para poucos. Hoje as pessoas chegam precisando dele”.





Acima, vista do Eremito, instalado em um mosteiro do século XIV na Úmbria. Ao lado, ambiente interno e piscina do mesmo retiro italiano



Ananda in the Himalayas / Uttarakhand, Índia

No antigo palácio do marajá de Tehri Garhwal, com vista para o Rio Ganges, o silêncio faz parte dos programas personalizados de aiurveda. Em sânscrito, recebe um nome próprio: “mouna”.

Six Senses Vana / Dehradun, Índia

Um retiro contemporâneo, que integra aiurveda, ioga e terapias integrativas em meio à floresta. Cada programa é desenhado individualmente, com consultas médicas, tratamentos diários e acompanhamento contínuo.

Kamalaya / Koh Samui, Tailândia

Construído ao redor de uma caverna onde monges budistas meditaram por séculos, o retiro resume sua filosofia em uma frase simples: “Você pode estar sozinho e ainda assim cercado de distrações. O silêncio não é ausência. É presença”. 📍



Acima, em sentido horário, área para massagens, ritual e a sauna do Kalamaya

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

BUDAPESTE

Entre a Resistência e a Esperança

A capital húngara vive um novo momento e reencontra o otimismo sem perder a sua vocação para a arte, a cultura e a liberdade

POR ERIK SADAQ



Em sentido horário, a celebração do orgulho em frente ao Parlamento, desfile da Pride de Budapeste e a Ponte da Liberdade, sobre o Danúbio

Budapeste sempre ocupou um lugar singular no imaginário europeu. Entre cafés históricos, arquitetura monumental e uma vida cultural vibrante, a capital húngara construiu uma reputação de cidade aberta às artes, ideias e diferentes formas de expressão. Nos últimos anos, porém, a vida da comunidade LGBTQIAP+ passou a refletir também os debates políticos e sociais que atravessaram o país, transformando a cidade em um interessante retrato das tensões e esperanças que marcam a Hungria contemporânea.

Em maio de 2026, recém-chegado de Budapeste, tive a oportunidade de assistir, em Amsterdam, aos eventos de memória e libertação realizados no Homomonument. Entre os convidados estava Viktória Radványi, presidente da Budapest Pride. Seu discurso, realizado durante as cerimônias que rememoram a libertação do regime nazista e o fim da perseguição às comunidades judias e LGBT, foi ao mesmo tempo comovente e necessário. Ela falou sobre a erosão gradual de direitos em seu país, sobre o clima de insegura-

rança vivido por parte da comunidade e sobre como conquistas que pareciam consolidadas passaram a ser questionadas nos últimos anos.

Mas o que mais me marcou não foi a denúncia. Foi a esperança. Viktória representou uma geração que continua a acreditar em uma Hungria mais aberta e alinhada aos princípios de igualdade que hoje caracterizam grande parte da União Europeia. Ressaltou a resistência com um olho no futuro, e talvez seja justamente essa combinação que melhor define a Budapeste que visitei.

Pouco antes das recentes transformações políticas no país, já se percebia uma mudança de atmosfera. Havia mais visibilidade, mais confiança e uma sensação de renovação que parecia percorrer cafés, galerias, centros culturais e espaços criativos da cidade. Conversando com os locais, ficou claro que os desafios permaneciam presentes, mas, pela primeira vez em muitos anos, a esperança parecia ocupar um espaço tão visível quanto as preocupações.

Essa energia se manifesta especialmente nos bairros centrais de Pest. Diferentemente de

Ao lado, de cima para baixo, agito no Szippla Kert, um dos *ruin bars* de Budapeste, o clima do famoso Alterego Club, movimento em frente ao Why Not Café & Bar e a noite no interior do mesmo bar

Londres, Madri e Berlim, Budapeste nunca teve um bairro gay definido. A vida LGBT se espalha pela cidade, misturada à sua vibrante cena cultural, gastronômica e artística.

Entre os espaços mais conhecidos está o Alterego Club, há anos um dos principais pontos de encontro da comunidade. Shows de drag queens, apresentações performáticas e noites que atravessam a madrugada o transformaram em uma verdadeira instituição da vida noturna.

Mais fervido, o Why Not Café & Bar ocupa uma localização privilegiada junto ao Rio Danúbio, com vista para a Colina Gellért e a Ponte da Liberdade, e se tornou um dos espaços mais badalados, reunindo moradores e visitantes em noites de caraoquê, shows performáticos e encontros informais. O Habroló representa outra faceta da noite local. Pequeno, intimista e sem pretensões, funciona como uma extensão da sala de estar de muitos frequentadores, onde paqueras e amizades surgem naturalmente.

Talvez os eventos mais interessantes aconteçam fora dos espaços tradicionais. Festas como Garçons (techno e house), Hello (pop e eletrônica), WOW (techno e house) e Triton (tribal e som de circuit party) ocupam regularmente antigos edifícios industriais, centros culturais e espaços alternativos, reunindo música, arte, moda e performance. São celebrações que refletem uma geração que continua a confirmar sua presença de maneira criativa.

Essa criatividade dialoga perfeitamente com os famosos *ruin bars* de Budapeste. Instalados em antigos edifícios abandonados do bairro judeu, lugares como o Szippla Kert ajudaram a criar uma cultura urbana *queer* mais aberta e diversa e menos preocupada com padrões. Embora não sejam espaços exclusivamente LGBT, eles desempenham um papel importante na construção de uma cidade mais inclusiva.

É justamente a convivência entre a fragilidade e a esperança que torna Budapeste tão fascinante. Ela continua sendo o palco de debates importantes sobre cidadania e pertencimento, enquanto segue produzindo arte, cultura e encontros.



Acima, o Rio Danúbio corta Budapeste sob a imagem imponente da Estátua da Liberdade, em Budapeste

Durante o discurso de Viktória Radványi em Amsterdam, lembrei-me das ruas de Budapeste, dos cafés lotados, das galerias independentes e das conversas que tive na última visita. Voltei para casa com a impressão de que, apesar dos desafios, a história da comunidade LGBT na Hungria ainda está longe de ser definida.

Em tempo, a Budapest Pride voltou a receber a autorização oficial para acontecer em junho de 2026, após anos de incertezas e restrições impostas pelo governo anterior. A marcha deve se tornar um dos símbolos mais visíveis da nova fase política vivida pelo país, com milhares de pessoas reunidas em uma celebração da liberdade de expressão e dos direitos civis.

O movimento já olha para 2027 com o mesmo espírito. Os organizadores da Budapest Pride anunciaram que pretendem dar continuidade à tradicional marcha, reforçando a mensagem de que “Pride was, Pride is, Pride will be” (a Pride existiu, existe e continuará existindo). Mais do que uma celebração, o evento pretende consolidar um espaço permanente de diálogo sobre a cidadania e a democracia, acompanhando a reconstrução da imagem da Hungria como um farol de diversidade do leste da Europa, cada vez mais próximo do respeito defendido pela União Europeia.

Com o próprio Danúbio atravessando Buda e Pest sem distinguir lados, a cidade continua provando que nenhuma corrente política é capaz de interromper completamente o fluxo de cultura, encontros e liberdade. Talvez seja justamente essa a maior lição de Budapeste. Há direitos que precisam ser constantemente defendidos, e há também esperanças que insistem em florescer. 📍

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ENSAIO

Cores da Natureza

*Para Sâmia Munaretti, fotografar a fauna é uma forma
de criar conexões e despertar a consciência*



Águia, no Kruger National
Park, África do Sul



Flamingo, em Plettenberg
Bay, África do Sul

Saíra-sete-cores, em
Itapema, Santa Catarina



A fotografia sempre esteve presente na vida de Sâmia Munaretti. O pai registrava viagens e momentos em família e a mãe vinha das artes e da pintura. Ela cresceu cercada por imagens e cores, mas foi durante a faculdade, em uma disciplina de fotojornalismo, que percebeu o potencial da fotografia como linguagem. “Entendi que uma imagem pode comunicar coisas que as palavras nem sempre alcançam.”

Há mais de uma década, Sâmia começou a fotografar paisagens durante suas viagens e trilhas. Com o tempo, a natureza a conduziu a outro universo: a vida selvagem. “Os animais me ensinaram a desacelerar, esperar e estar presente.” Desde então, a fotografia passou a ser não apenas uma atividade criativa, mas também um exercício de observação e escuta.

Sua disposição para ouvir a história dos lugares que visita também orienta seu processo criativo. Ela pesquisa com profundidade o destino, as estações do ano e o comportamento dos animais, mas sabe também que a natureza raramente segue roteiros. “Você chega com um plano, e o animal pode mudar tudo. É no encontro entre a preparação e a surpresa que surgem algumas das melhores imagens”, conta.

Com trabalhos publicados por veículos e instituições como National Geographic, BBC e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep), além de participações em exposições no Brasil e no exterior, Sâmia vê a fotografia como uma ferramenta de sensibilização. Seu objetivo é aproximar as pessoas da natureza: “Acredito que, quando nos encantamos com um animal ou uma paisagem, passamos a querer protegê-los. Se minhas imagens conseguirem despertar essa conexão, terão cumprido o seu papel”. 📍

Beija-flor-de-banda-fina,
na Cidade do Cabo, África do Sul





GASTRONOMIA

O TEMPO EM SILÊNCIO

*No Vale do Colchagua, a vinícola Clos Apalta revela
uma experiência em que natureza, hospitalidade,
sustentabilidade e vinho se encontram em ritmo próprio*

TEXTO E FOTOS FABIANO AL MAKUL

Ainda era madrugada quando deixamos São Paulo. A cidade permanecia acesa enquanto seguíamos para o aeroporto, levando conosco aquela expectativa silenciosa que acompanha toda viagem cuja chegada promete mais do que um destino. Algumas horas depois, já fora de Santiago, a paisagem começou, pouco a pouco, a mudar de idioma.

As estradas conduzem ao Vale de Colchagua como quem revela um segredo sem pressa. As montanhas se aproximam, os vinhedos desenham o relevo e o tempo desacelera naturalmente. Foi nesse compasso que chegamos ao Clos Apalta.

O primeiro impacto não veio da arquitetura, nem dos vinhos, mas do silêncio. Um silêncio preenchido pelo vento entre as videiras e pela presença constante das montanhas que abraçam a propriedade. A impressão era de que tudo ali havia sido concebido para que a paisagem tivesse sempre a última palavra.

Depois do *check-in*, fomos recebidos por um almoço que prolongava essa conversa entre natureza e hospitalidade. Nada parecia excessivo. A sofisticação estava justamente naquilo que não precisava ser explicado.

As intermináveis vinhas
da propriedade Clos Apalta



A vila onde nos hospedamos se transformou imediatamente em parte da experiência. Não era apenas um lugar para descansar, mas um destino em si. A arquitetura, a elegância discreta dos ambientes e a maneira como cada janela emoldurava os vinhedos faziam com que o olhar jamais encontrasse motivo para se afastar da paisagem. O céu permanecia encoberto, envolvendo o vale numa luz difusa que suavizava contornos e cores. E havia beleza justamente nessa ausência de espetáculo.

Encantados, permanecemos ali até o cair da noite. O jantar, servido na própria vila, surgiu como uma continuação natural daquela atmosfera. Gastronomia e vinho dialogavam com delicadeza, enquanto o serviço revelava uma elegância silenciosa.

Na manhã seguinte, o café servido na acolhedora cozinha integrada reforçava a sensação de estarmos sendo recebidos em uma casa, e não simplesmente em um hotel.

Seguimos então para um passeio a cavalo pelos vinhedos, passando também pela antiga residência da propriedade, onde a história do Clos Apalta parece ainda ecoar entre as árvores e as colinas.

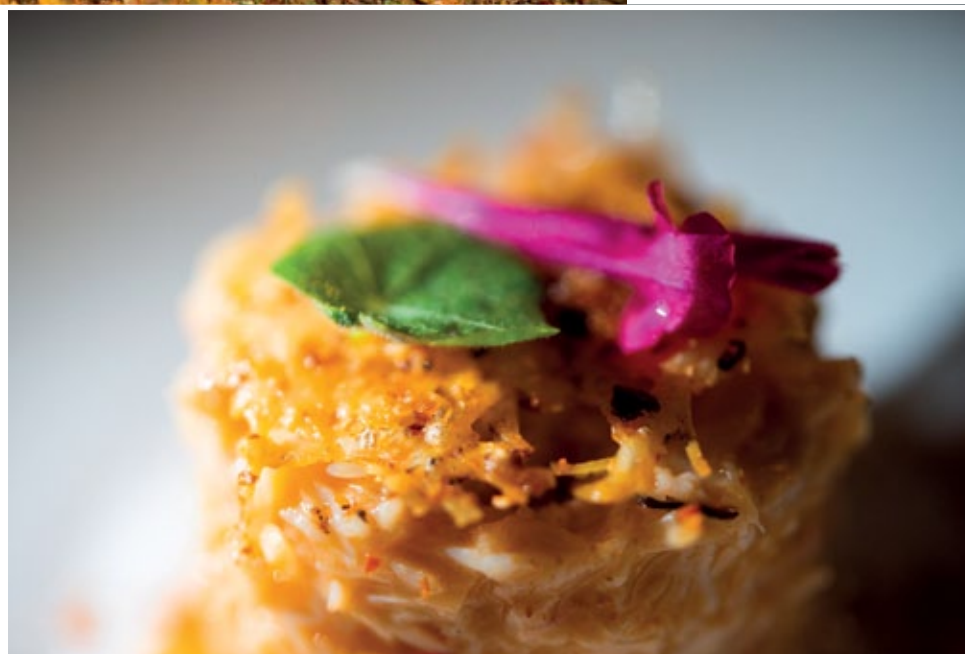
Na sequência, visitamos a bodega. Esculpida na encosta e distribuída em sete níveis, impressiona não pelo tamanho, mas pela forma como parece nascer da própria montanha. A degustação conduzida

Acima, vista para o vale da janela da vila e as cores da vegetação chilena. Na página ao lado, a cave da Clos Apalta





Acima, a vilas camufladas pela natureza abundante da propriedade. Ao lado, um dos pratos servidos no restaurante. Abaixo, detalhe arquitetônico da vinícola. Na página ao lado, vinhos da Clos Apalta



pela enóloga transformou percepções em conhecimento. Cada vinho expressava aquele vale com autenticidade, permitindo que o *terroir* falasse antes de qualquer técnica.

O almoço manteve a mesma harmonia entre ingredientes, vinhos e hospitalidade. Ao final da refeição, recebemos um convite que trazia a essência daquele lugar. O *chef* partiria para visitar um pequeno produtor da região e escolher os ingredientes do jantar. Poderíamos acompanhá-lo, mas preferimos preservar o prazer da surpresa e descobrir aqueles sabores apenas quando chegassem à mesa.

Enquanto isso, optei por seguir pelas trilhas que percorrem as montanhas da propriedade. Caminhar entre vinhedos, bosques e colinas era outra maneira de compreender o Clos Apalta. Aos poucos, o *lodge* desaparecia atrás do relevo e a paisagem assumia outra escala. Lá do alto, compreendi que um grande vinho nasce muito antes da adega: nasce no solo, no clima, no relevo e na relação paciente entre o homem e a natureza.



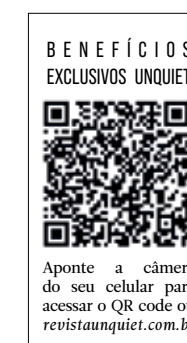
Foi somente no ponto mais alto que o céu resolveu se abrir. Durante toda a viagem, as nuvens haviam dominado o horizonte, mas, por alguns instantes, afastaram-se e permitiram que o Sol se despedisse atrás das montanhas. Não houve um espetáculo grandioso. Apenas uma faixa dourada rompendo o cinza e iluminando o vale com delicadeza. Talvez justamente por ter sido o único pôr do sol daqueles dias, sua lembrança permaneça tão viva.

Como fotógrafo, aprendi que a luz raramente se entrega a quem tem pressa. Ela costuma escolher

aqueles que aceitam permanecer.

Na manhã seguinte, ainda antes do amanhecer, deixamos o Clos Apalta na companhia de uma Lua crescente e da certeza de que algumas experiências não permanecem na memória pela grandiosidade, mas pela delicadeza com que acontecem.

Em um tempo que insiste em acelerar tudo, o Clos Apalta nos convida justamente ao contrário. E, quando aceitamos esse convite, percebemos que alguns lugares continuam amadurecendo dentro de nós muito depois de a viagem terminar. 📍



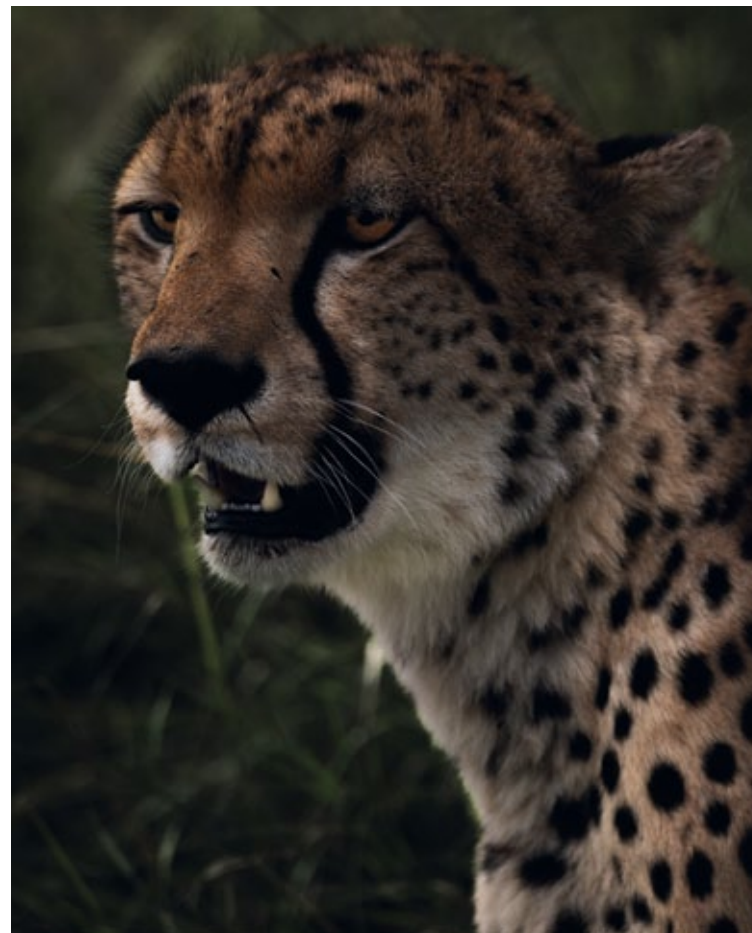
AVENTURA

A ÚLTIMA LIÇÃO DA NATUREZA

Há lugares que impressionam pela beleza. Outros transformam a maneira como olhamos para o mundo. No Zimbábue, onde a vida selvagem, a cultura ancestral e a paisagem se entrelaçam, viajar deixa de ser um percurso para se tornar um encontro

POR BUCA MASSI FOTOS VICTOR COLLOR





O pequeno monomotor corta o ar, zunindo pelo céu azul. Alto o bastante para tocar as nuvens, baixo o suficiente para que os olhos possam saborear a textura da savana. Tão perto que a África parece estar ao alcance das mãos. Sem dúvida, essa é a forma mais charmosa de viajar pelo continente.

O solo se torna cada vez mais próximo e, logo à frente, o verde interminável das árvores se abre para uma pista de terra vermelha. Vamos pousar. O piloto, no entanto, puxa o manche e a aeronave retoma a altitude. Algo está estranho. O pequeno Caravan inclina para um dos lados, passa pela pista e segue adiante. O destino está logo ali, mas, em vez de se aproximar, o avião começa a descrever círculos sobre a savana. O piloto finalmente quebra o silêncio inquietante. Sua voz, abafada pelo zumbido do motor, diz: “Senhoras e senhores, pouso não autorizado. Vamos precisar aguardar”. Pausa dramática. “Há elefantes na pista.”

Olho pela janela. Não existe cidade, não existe terminal e nem mesmo torre de controle. Não existe



Acima, uma chita observa o movimento ao redor, no Parque Nacional Hwange, e área do lodge Wilderness Linkwasha. Na página ao lado, elefantes cruzam uma das estradas do mesmo parque e avistação de um grupo de grouse-coroados, ave protegida na região

nada além de uma faixa de terra aberta no meio da savana. E elefantes. Como exatamente se remove um elefante de uma pista de pouso? A pergunta parece absurda e o início de uma piada ruim. Mas talvez esteja equivocada porque, naquele instante, suspenso entre o céu e a terra, percebo algo ainda mais estranho.

Não estou apenas chegando a um destino novo. Estou adentrando um mundo onde a pista pertence aos elefantes e os humanos esperam uma autorização. Antes mesmo de meus pés tocarem o chão, me dou conta de que o safári já havia começado.

BEM-VINDO À SAVANA, *SAPIENS SAPIENS*

No Parque Nacional de Hwange, pode-se seguir os rastros de um leopardo solitário e acompanhar o despertar de irmãs leões e seus filhotes, ao mesmo tempo que babuíños brincalhões se exibem entre búfalos impacientes. Tudo em uma única tarde.

O maior parque de preservação do Zimbábue ocupa uma área comparável à da Bélgica e abriga uma das maiores concentrações de fauna da África. Em suas planícies douradas, a vida selvagem revela um mundo que permaneceu essencialmente o mesmo por milhares de anos e segue indiferente à nossa presença.

Ou quase indiferente. No charmoso Wilderness Linkwasha, o jantar é servido à luz de velas, ao ar livre, sem cercas ou qualquer separação entre os hóspedes e a savana. O gerente, sempre sorridente, amigável e atencioso como todo o *staff*, apresenta as iguarias típicas: a *sadza*, uma espécie de polenta cremosa, *mutaka*, uma mistura de grãos cozidos macios e saborosos, e, por fim, a intrigante *mopane*, uma cumbuca de larvas de mariposa desidratadas, um verdadeiro abismo culinário para os não-iniciados.

Na penumbra da savana, à distância, uma mancha se move lentamente. Entre nós, vinho, conversas, risadas e sobremesa sob um mar de estrelas. O fenômeno se aproxima



– são elefantes em sua rotina noturna. Não apenas um, há mais deles. O *lodge* lentamente percebe o que está para acontecer e mergulha em um silêncio, diante da presença robusta e primitiva da manada de seis, que avança em sua direção.

Sem nenhuma cerimônia, eles param em frente à piscina, esticam suas trombas e ali, a não mais que 4 m de distância da mesa onde eu jantava, servem-se da mesma água na qual eu havia me refrescado naquela tarde quente. Sem pressa, sem medo. Uma vez saciados, seguem seu rumo.

O gerente, sentado ao lado, não parece impressionado. Sua tranquilidade é a perfeita tradução daquele mundo, cujas regras não compreendo. Talvez fossem os elefantes a nos observar, perguntando-se o que os humanos faziam ali. Sobre a mesa, a porção de larvas parecia fazer a mesma pergunta. Alcanço uma, levo à boca.

TETO DE ESTRELAS

Se na noite anterior os elefantes visitavam, nesta era eu quem aceitava o convite. Uma antiga canção infantil versa sobre uma casa sem teto, sem nada. Achei que só pudesse existir na imaginação de Vinicius de Moraes, até que me vi subindo lentamente seus degraus de madeira, até uma plataforma pouco mais de 2 m acima do solo. Construída em torno de uma antiga árvore (a madeira-de-chumbo), abria-se para a planície iluminada pela Lua cheia. Não havia teto, paredes ou qualquer traço de civilização em um raio de dezenas de quilômetros. Era ali que eu dormiria à noite.

Até então, as noites tinham o conforto seguro de um bangalô fechado, com uma instrução muito clara: “Não saia sozinho, há animais”. Agora, a noite passa a ser o respirar pro-

Na página ao lado, em sentido horário, as *starbeds* para noites sob as estrelas no Wilderness Linkwasha, apresentação de dança durante encontro com uma das comunidades no Hwange e alunos da escola primária de Ngamo



fundo da floresta sob um céu coalhado de estrelas. Ao redor, apenas a escuridão e a savana, pulsando suave ao som de cigarras, aves e uma hiena solitária chamando por seu grupo. Olho para a curta escada que leva ao solo. Leões sobem escadas?

Quando os primeiros raios de sol recortaram um grupo de girafas no horizonte, o despertar teve um sabor diferente. Pela primeira vez, não acordava ao lado da savana: acordava dentro dela. A casa de Vinicius existia. Só havia errado o endereço e tinha a Lua como teto.

A VIDA AO REDOR

Existe uma armadilha silenciosa em muitos safáris. Olhamos tanto para a vida selvagem que esquecemos de olhar para quem vive ao lado dela. Durante o recreio da Escola Primária de Ngamo, centenas de crianças tomam conta do pátio. Vestem o mesmo uniforme *bordeaux* e, aos poucos, vão se agrupando sob a copa generosa de uma enorme árvore carregada de pequenos frutos. À distância, parecem fazer parte dela, como mais uma floração da savana. Bastou um aceno para



que a timidez desaparecesse. Em segundos, estávamos cercados por sorrisos, perguntas e mãos estendidas, querendo descobrir quem eram os visitantes.

Ali a natureza era também a escola, o recreio e o futuro de cerca de 500 famílias, que formam a comunidade de Ngamo. Com o apoio da Wilderness, investe-se em educação, agricultura e conservação para que aquelas crianças possam crescer sem precisar escolher entre proteger a vida selvagem ou abandonar o lugar onde nasceram. Hoje elas sonham se tornar guias, *rangers* e guardiãs daquele território. Talvez a vida selvagem nunca tivesse estado sozinha.

A LÍNGUA DAS ÁRVORES

Era uma vez um lugar que somente os contos sobre florestas encantadas poderiam traduzir com alguma fidelidade. Onde o Rio Zambeze serpenteia em direção à fronteira com Moçambique, fica o remoto e estonteante Parque Nacional de Mana Pools. Um lugar pacífico e intocado, onde as árvores se vestem de trepadeiras para deixar de ser paisagem e assumir a aparência de gigantes, como titãs das matas. Lá o

verde é mais verde, as montanhas se tornam azuis ao entardecer e o doce perfume da florada das acácias se espalha pelo ar. Há lugares que são somente belos. E há lugares que escondem uma segunda camada invisível para quem apenas olha, mas um universo inteiro para quem se põe a escutá-los.

Foi ali que conheci Elias, nosso guia do Wilderness Chikwenya. Nativo, de origem Tonga, ele parecia caminhar por aquele bosque como quem percorre a própria casa. Nunca frequentou uma escola, mas conhecia intimamente cada planta, cada rastro e cada mudança do vento. Uma folha macepada repele insetos, mas, se preparada como chá, é remédio para a malária.

Enquanto eu via árvores, Elias enxergava histórias. As marcas talhadas no tronco da mangueira-selvagem por seus ancestrais, por exemplo, assi-

navam acordos como um cartório a céu aberto. Na reentrância côncava de um baobá, esculpida pelo tempo como um trono vivo, uma antiga rainha se sentou para falar a seus súditos. A mesma rainha, hoje, está sepultada dentro de seu tronco. Elias devolve à floresta tudo aquilo que o olhar urbano costuma retirar dela: significado.

Pouco a pouco, Mana Pools revelou ser um lugar habitado não apenas pela sua abundante vida selvagem, mas também pela rica cultura ancestral de um povo que caminhava com leões, falava a língua das matas e habitava o interior de árvores gigantes.

Por trás do uniforme de guia, havia um guardião comprometido em traduzir o mundo de seus antepassados antes que essa linguagem se perdesse. Talvez por isso, algo mudou em seu olhar quando quis me mostrar uma estrela.



Ao lado, área de convivência no Wilderness Chikwenya, no Parque Nacional de Mana Pools, e o sorriso de Elias, guia de origem Tonga que compartilha com os hóspedes seus saberes sobre a floresta. Na página ao lado, a beleza de uma acácia-branca, às margens do Rio Zambeze





SOB O MESMO CÉU

À beira do rio, perto do fogo e rodeado por hipopótamos noturnos, Elias aponta para o céu. “Não é uma estrela. É Vênus”, diz. Permaneci em silêncio por alguns segundos. Não queria estragar a noite, mas toda uma vida sob o céu da Bahia havia me dado alguma intimidade com o firmamento. “Acho que é Júpiter”, digo. Ele sorri e insiste. Eu também.

A conversa seguiu e, pela primeira vez, deixávamos de ocupar os papéis de guia e visitante para sermos duas pessoas sob o mesmo céu. Não sei exatamente o que Elias enxergou no estrangeiro que o contestava com propriedade, mas seus olhos profundos de quem passa a vida a ver bichos se iluminaram em uma ideia, que cuspiu inesperadamente: “Amanhã, vamos caminhar com leões”.

Por um instante, me arrependi de ter polemizado sobre os astros. Poderia ter concordado que era Vênus e encerrado a conversa por ali. Mas o homem que testava se eu sabia ler o céu agora perguntava se eu confiava nele para entrar a pé na floresta. Pergunto se é seguro. Ele ri: “Aventura, para mim, seria andar sozinho na cidade”.

Às 6 horas da manhã do dia seguinte, atravessamos o Zambeze até uma ilha deserta e caminhamos silenciosamente em fila, procurando rastros e lendo o vento. “Olhos abertos! É melhor vê-los do que ser visto por eles.” Quando um leão pode estar a poucos metros, todos os seus instintos lembram que você não passa de um primata sem garras e sem presas, a pé, onde claramente não ocupa o topo da cadeia alimentar. Todos os seus diplomas, cartões de crédito e currículos profissionais perdem completamente a utilidade. Ainda assim, seguimos.

Acima, um elefante se alimenta sob as grandes árvores do Mana Pools

Mana Pools se revelou um lugar não apenas habitado pela abundante vida selvagem, mas também pela rica cultura ancestral de um povo que falava a língua da mata

No fim, não encontramos o que buscávamos, e assim são os safáris. Imprevisíveis. Mas o mais importante talvez não fosse o que procurávamos. Talvez fosse perceber que o visitante que há poucos dias temia a subida de um leão pelas escadas de uma casa na árvore, nesse momento, caminhava exatamente em sua direção. Não era um ato de coragem. Era finalmente aceitar a lógica de um lugar onde homens caminham com leões em uma terça-feira qualquer.

HOMENS QUE FALAM COM ÁRVORES

Talvez fosse o meu estranho hábito de pedir que parasse o carro para tocar as árvores, de me demorar diante de um baobá, tentando compreender a presença quase humana daqueles gigantes. Ou talvez porque, pouco a pouco, eu deixava o lugar de mero espectador para me relacionar com tudo aquilo que tornava aquele território vivo. Mas, naquele último dia, descobri que enquanto eu tentava decifrar Mana Pools, Mana Pools também me decifrava.

“O homem que fala com árvores” foi como me chamaram, e Mundyoli, o nome que me deram. O que viram em mim, nunca saberei ao certo, mas sabia que não recebia apenas um nome. Mundyoli era uma resposta. A forma como aquele lugar dava sentido à minha presença enquanto eu tentava dar sentido à dele.

Naquele instante, Mana Pools dizia o que precisava. Não bastava atravessá-lo. Era preciso ser atravessado por ele. Somente assim, o estrangeiro finalmente deixava de ser apenas mais um estranho.



Acima, a área de refeições e uma das tendas abertas para a savana do Wilderness Chickwenya



Leões e filhotes
se reúnem ao
amanhecer
durante safári no
Parque Nacional
de Hwange



Ellerman House, Cidade do Cabo

O Ellerman House é daqueles raros hotéis que conseguem traduzir a essência de um destino. Instalado em uma elegante mansão histórica aos pés da Lion's Head, combina vista para o Atlântico, uma das mais importantes coleções de arte sul-africana do país, uma adega com cerca de 9 mil rótulos de vinhos locais, gastronomia refinada, um spa perfeito para desacelerar e uma pantry aberta 24 horas, onde um aparentemente inocente biscoito de pasta de amendoim tem tudo para se tornar um caminho sem volta. Mais do que um lugar para dormir, é uma imersão na cultura sul-africana. E não poderia haver cenário melhor para isso: praias, montanhas, vinícolas e uma cena gastronômica vibrante fazem da Cidade do Cabo um dos destinos mais fascinantes do mundo. A South African Airways opera voos diretos entre São Paulo e Cape Town, tornando esse destino extraordinário muito mais próximo dos brasileiros.

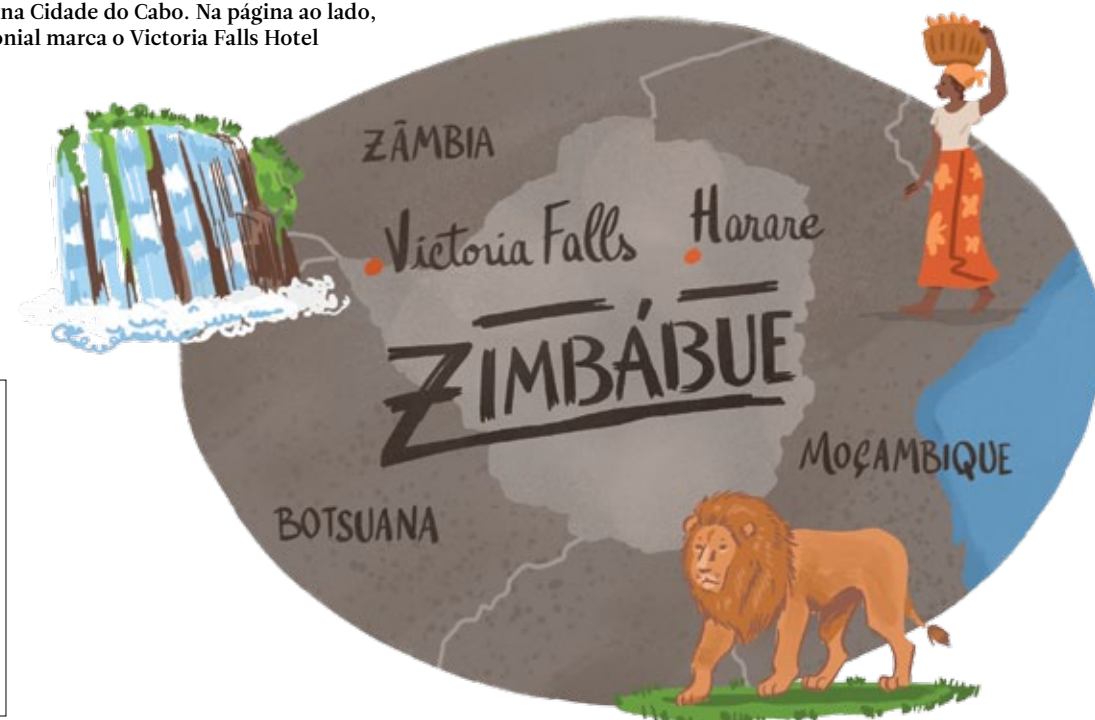
@ellermanhousehotel

Victoria Falls Hotel, Victoria Falls, Zimbábue

Há lugares que contam a História e há lugares que te levam de volta no tempo. O Victoria Falls Hotel persiste como um capítulo muito bem conservado da colonização britânica na África, proporcionando ao hóspede uma imersão no passado. Fundado no início do século XX, preserva a elegância de um cinco estrelas em estilo inglês e poderia facilmente servir de cenário para um filme de Wes Anderson. Seus longos corredores narram a chegada dos colonizadores e a construção da Victoria Falls Bridge através de fotografias, desenhos, pinturas, mapas antigos e uma infinidade de registros históricos. Do lado de fora, o afternoon tea é servido em um terraço onde duas árvores centenárias emolduram a vista panorâmica para a ponte sobre o Zambeze. Dentro, a tradição segue viva nos uniformes do staff e no café da manhã, onde uma estação de Bloody Mary reforça, sem sutileza, o espírito britânico que o hotel evoca naturalmente.

@thevictoriafallshotel
@flysaabrazil
flysaa.com

Nesta página, os jardins abertos para o Atlântico do Ellerman House e decoração de um dos ambientes do mesmo hotel, na Cidade do Cabo. Na página ao lado, a arquitetura colonial marca o Victoria Falls Hotel



BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

A viagem dos sonhos

Fazer do mundo o lar, das viagens as salas de aula e do tempo o maior tesouro

POR NANDA HAENSEL
ILUSTRAÇÃO CELSO ORSINI

E escrevo este texto com o coração acelerado. Não para descrever um destino, mas para contar a história de um ano (bom, quase dois) que se tornou o melhor das nossas vidas e nos transformou.

Tivemos a oportunidade única de nos afastar do trabalho e da rotina – e de escolher o que fazer com o nosso tempo. E assim fizemos. Adivinha? NÓS VIAJAMOS. Mas foi uma viagem diferente, com o luxo absoluto do tempo: por mais de um ano, quase sempre sem a passagem de volta, saboreando cada lugar, aprendendo a viver em cada destino antes de seguir adiante. Uma experiência distinta de viajar de férias.

Abrimos mão da nossa casa no sul da Alemanha, guardamos tudo em um depósito e levamos só o essencial nas malas, com nossas filhas gêmeas, de menos de 3 anos, a tiracolo. Cuidamos delas 24 horas por dia, sem ajuda, sem creche, na idade exata em que o que mais desejam é a nossa presença. Sabíamos, mesmo nos dias difíceis, que aqueles momentos não voltariam.

Em todo esse tempo, nunca as deixamos se perder nas telas. Somos antiquados nesse ponto: brincávamos e as deixávamos brincar sozinhas, se entediar. E, sem nenhuma tela, o mundo teve que preencher o vazio – e preencheu. Foi aí que entendi o que essas viagens estavam, de verdade, lhes ensinando.

Fizeram amizades em línguas que não falavam. No comecinho, por gestos e depois com a naturalidade que só as crianças têm. Provaram sabores para os quais não tinham palavras. Viveram semanas em um barco à vela. Aprenderam a nadar no oceano e surfaram conosco pela primeira vez. Caminharam entre templos e pinturas rupestres de milhares de anos. Viram guanacos pela janela do carro e baleias-jubarte subindo à tona ao lado dos filhotes, perto o bastante para ouvi-las respirar. Presenciaram leões caçando na savana africana. E, em uma final da World Surf League, em Teahupo'o, Taiti, assistiram de um barco os melhores surfistas do mundo encararem uma das ondas mais perigosas do planeta.

Aprenderam a esperar, a se adaptar, a se sentir em casa a cada novo lugar. Não sei nomear tudo o que absorveram, mas sei que as crianças que fazem amigos sem um idioma em comum, que dormem em mais camas do que consigo contar e que trocam a tela pelo mundo lá fora aprendem coisas que nenhuma sala de aula ensina.

Começamos perto de casa, entre a Sardenha e as Dolomitas. Quando seguimos rumo a Portugal, já não havia casa para onde voltar, e o mundo se abriu, capítulo a capítulo: a ilha selvagem de Príncipe, o kitesurfe no Nordeste brasileiro, quase toda a América do Sul, meses na Polinésia Francesa. E, quando pensamos estar perto do fim, cruzamos 2 mil quilômetros da Namíbia de carro, as meninas já com 4 anos, e metade acampando no teto do 4x4, sob um céu estrelado.

Em um piscar de olhos, o sabático terminou. Pousamos em Deià, um vilarejo encantador nas montanhas à beira-mar de Maiorca, na Espanha. Acostumadas a ver e viver o mundo, as meninas se adaptaram à escola local com naturalidade, mesmo sem falar (ainda) o idioma. Não existiu nenhuma barreira – nem cultural nem de língua. Nossos pertences seguem em um depósito, e está tudo bem. Nesses quase dois anos, aprendemos que o nosso lar não é um lugar fixo, mas sim estarmos juntos aonde o vento nos levar. ♥



Inspiradores

NIRMAL PURJA (1983–2026)

Destemido diante do impossível e profundamente ligado à natureza, Nirmal “Nimsdai” Purja fez das montanhas o cenário de uma vida marcada por coragem, disciplina e superação. Montanhista nepalês-britânico, ex-integrante das forças especiais do Reino Unido e um dos maiores nomes da história das grandes altitudes, ele dedicou a vida a desafiar os limites do corpo humano e a transformar as montanhas mais perigosas do planeta em território de possibilidade.

Nascido no Nepal, Nirmal cresceu em uma região marcada pela presença do Himalaia. Antes de se tornar conhecido como alpinista, construiu uma carreira militar nas Brigadas Gurkhas e, mais tarde, no Special Boat Service, uma das forças especiais da Marinha britânica. A disciplina, a resistência e a capacidade de agir sob condições extremas, desenvolvidas durante os anos de serviço, seriam fundamentais para a trajetória que viria a seguir.

Em 2019, Nirmal Purja realizou o feito que o consagrou internacionalmente. Em pouco mais de seis meses – seis meses e seis dias, segundo os registros mais citados –, ele escalou as 14 montanhas mais altas do mundo, todas com mais de 8.000 m de altitude. O projeto, batizado de Project Possible, quebrou um recorde que permanecera imbatível por anos e revelou uma nova maneira de pensar as expedições de alta montanha: com velocidade, planejamento rigoroso e resistência física e mental extraordinárias.

O desafio incluía alguns dos picos mais temidos do planeta, como o Everest, o K2, o Annapurna, o Nanga Parbat e o Broad Peak. Em sua trajetória, Nirmal também esteve associado a feitos históricos do montanhismo contemporâneo, como a ascensão do K2 no inverno – uma das empreitadas mais arriscadas já realizadas na chamada zona da morte –, e expedições em que montanhistas alcançaram picos de mais de 8.000 m sem o auxílio de oxigênio suplementar.

Sua história ganhou dimensão mundial com o documentário *14 Peaks: Nothing Is Impossible*, lançado pela Netflix em 2021. Mais do que registrar uma sequência de recordes, o filme apresentou o homem



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

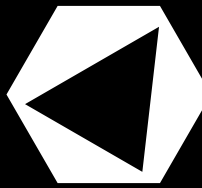
por trás das conquistas: um atleta obstinado, capaz de avançar quando as condições pareciam insuperáveis, mas também um líder disposto a trabalhar em equipe e a tomar decisões rápidas diante do risco. Ao popularizar sua trajetória, Nirmal Purja aproximou o grande público de uma modalidade antes vista como inacessível e ajudou a inaugurar uma nova era do montanhismo de alta performance.

Ele atravessou esse cenário como o símbolo de uma geração que combinou técnica, ambição e visibilidade – e passou a encarar o Himalaia não apenas como um espaço de contemplação, mas também como um território de superação e possibilidades.

Em 2026, durante uma expedição ao Broad Peak, no Paquistão, Nirmal Purja liderava uma equipe internacional quando ocorreu uma avalanche. Após dias de buscas, sua morte foi confirmada. O alpinista terminou sua trajetória em uma das próprias paisagens que definiram a sua vida: entre o gelo, o silêncio e a imensidão das montanhas. 📍

A large advertisement for PillarHomes. It features a woman with dark hair and gold jewelry, looking thoughtfully at a smartphone she is holding. The phone's screen displays the PillarHomes logo. The background is dark and filled with numerous white, tilted rectangular signs, each containing the name of a famous Brazilian address, such as 'JERÔNIMO DA VEIGA', 'LEOPOLDO', 'HARMONIA', 'RÁCIO LAFER', 'CASA BRANCA', 'ALAGOAS', 'SUÉCIA', 'ITAMBÉ', 'SAMPAIO VIDEIRA', 'OSCAR FREIRE', 'WISARD', and 'SERIDÓ'. The PillarHomes logo, a stylized white triangle inside a circle, is positioned to the left of the brand name 'PillarHomes' in a large, white, sans-serif font at the bottom of the advertisement.

O endereço
dos melhores
endereços.

 PillarHomes



*Vamos escrever

MONTBLANC

*Let's Write**

montblanc.com.br